

COLEÇÃO

Caderno de Literatura 2017



26



AJURIS

Organizado por Rute dos Santos Rossato

COLEÇÃO

Caderno de
Literatura
2017

26

©dos autores

Todos os direitos reservados para AJURIS

Capa, projeto gráfico e diagramação: Esparta

Produção: Cristiane Garbini

Impressão: Gráfica Palotti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

C122 Caderno de literatura da AJURIS nº. 26. / organizado por Rute dos Santos Rossato. – Porto Alegre : AJURIS, 2017.
196 p.

ISBN: 978-85-99620-07-6

1. Literatura brasileira - miscelânea. 2. Literatura sul-rio-grandense - miscelânea. I. Título.

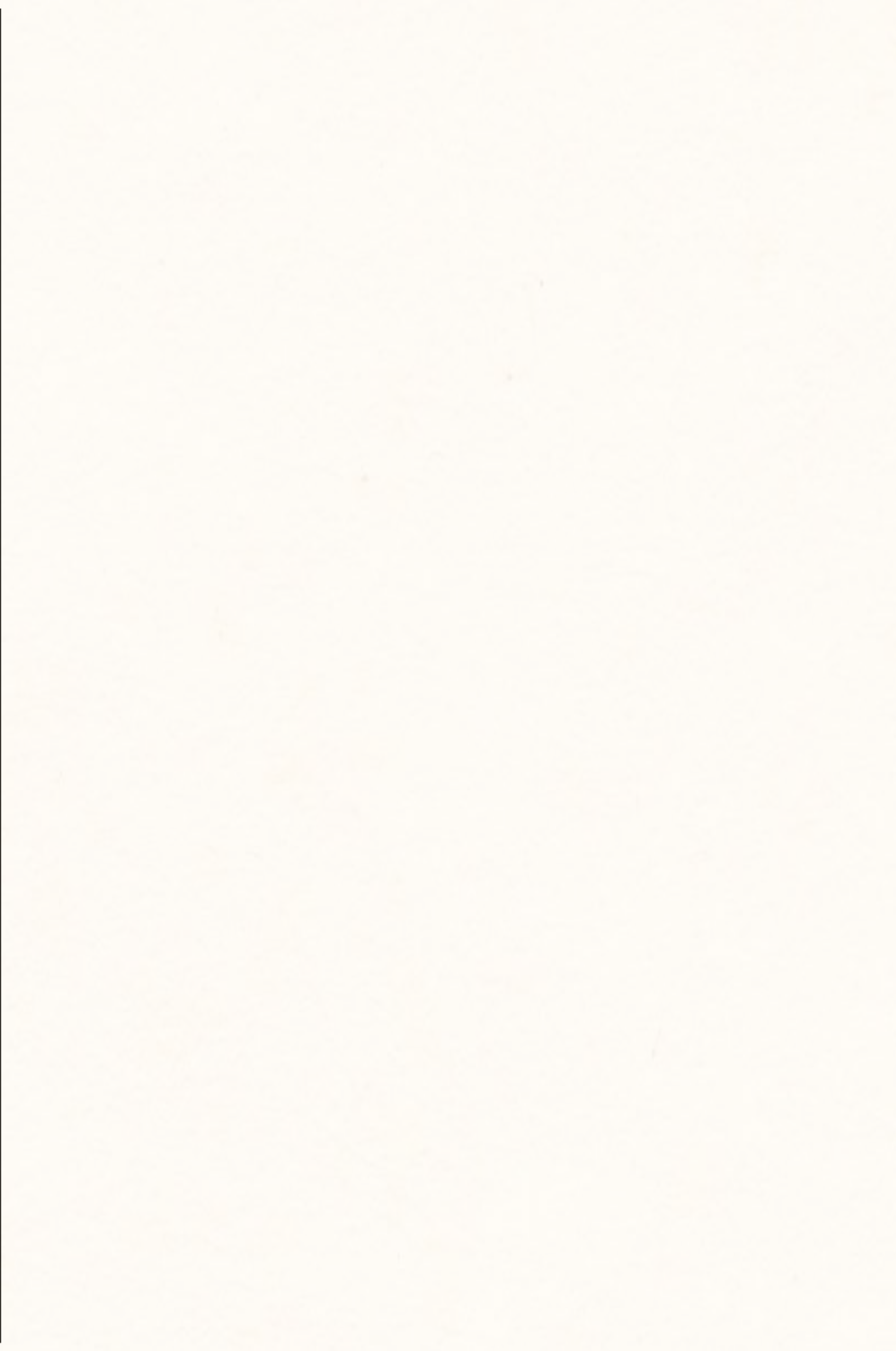
CDU 869.0 (81)- 822



COLEÇÃO

Caderno de
Literatura
2017

26



• Prefácio •

Histórias de gente,
histórias da gente,
histórias de gente que passa pela vida da gente.

Vida vivida,
Vida alheia,
Sonhada.
Vida bandida.

Vida pra ser contada.

É tanta história, que já não se sabe mais de que vida é esta,
de que essa gente fala.

História boa: todo mundo tem.
Processo na justiça, também.

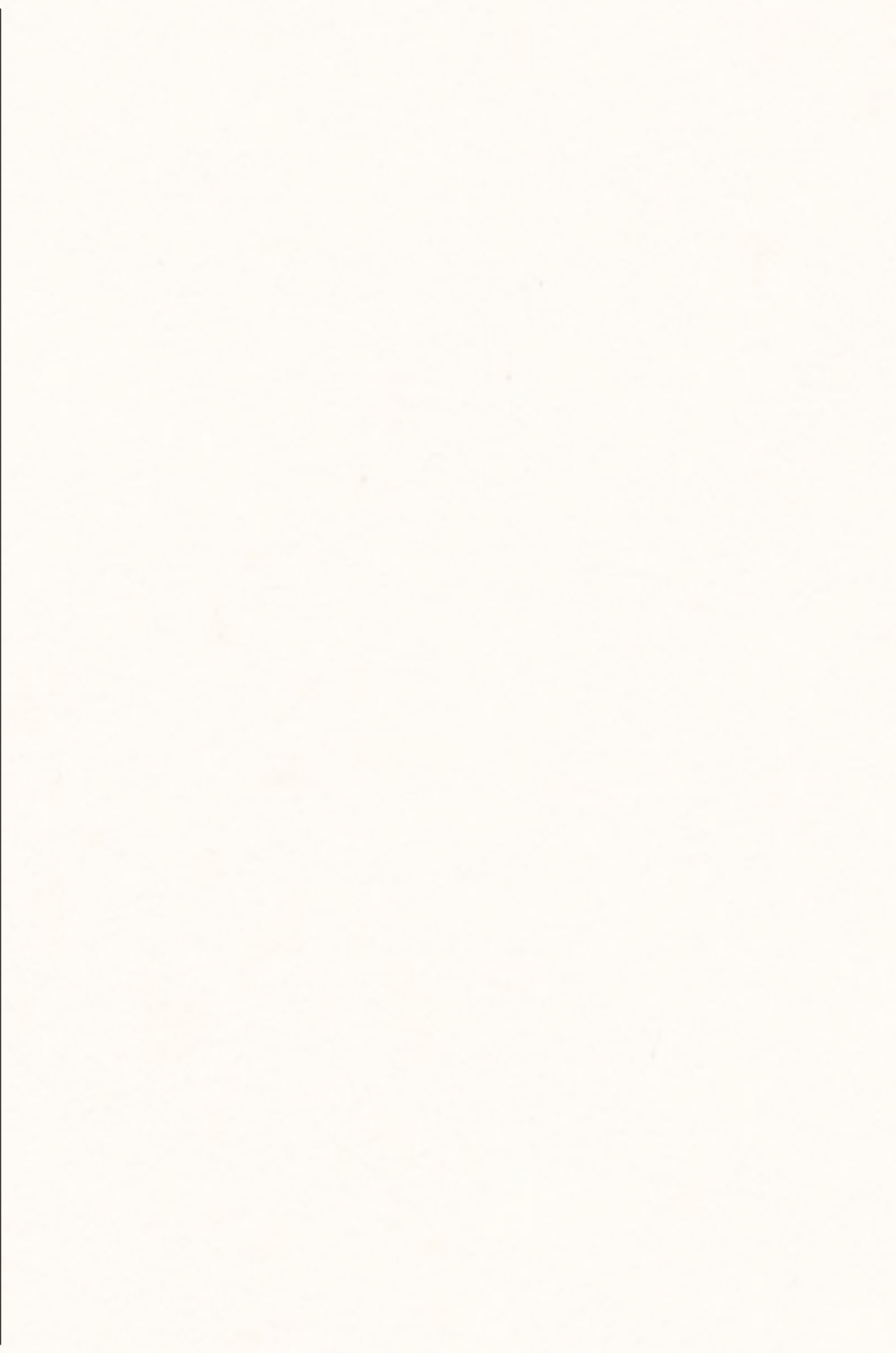
Tudo vira história.
Basta contar.
Basta ouvir, ler, narrar.

E pra virar literatura.
Basta circular.
Gente pensando na arte de escrever.
Ler, apagar, aparar, lapidar.
E ficar feliz por saber que o outro leu.

Escrever.
Conto, crônica, novela aqui não cabe.
Mas e essa tal de poesia?
Que tanto aparece por aqui.

Será uma epidemia?
Que até prefácio
Quer ser poesia.

MARCIA KERN
Juíza de Direito



• Sumário •

Pg.

ADROALDO FURTADO FABRÍCIO

1 - Homicídio 12

AFIF JORGE SIMÕES NETO

2 - A pipa do Catulino 15

ALEX GONZALEZ CUSTÓDIO

3 - O papel e a humanidade 18

4 - A decisão de um Juiz 21

ANENCIR JOSÉ ROGOSKI

5 - O cotidiano do Oficial de Justiça 24

CASSIANO RODKA

6 - O segundo capítulo 27

7 - Conto de fadas 30

CLAUDETE MORSCH PEREIRA SOARES

8 - Banco de Jardim 32

9 - Adoçando o mundo 34

CLÁUDIA MORAES BARTZSCH

10 - Ponderação 37

EDUARDO MEDINA GUIMARÃES

11 - O Gabinete 39

12 - Pelos furos da escada 42

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

13 - Nasce 44

14 - Quem não deve 47

FÁBIO VIEIRA HEERDT

15 – Calígula 50

GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

16 - Os sapecas 53

GENI VIEIRA DE OLIVEIRA

17 - As Avessas 56

GLADIS CANELLES PICCINI

18 – Sedução 59

19 – Desejos 62

ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

20 - A silfide e a vitoria de Pirro 64

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

21 – Trinta 68

JOSÉ NEDEL

22 - Água e vinho 72

KARLA AVELINE

23 – Central 74

LEILA TORELLY FRAGA

24 – Eles 77

LEONARDO STÜRMER

25 - Ou cale-se para sempre 80

LEONEL PIRES OHLWEILER

26 - Casamento na Bossoroca 83

27 - O Estagiário 87

LÍVIA PETRY JAHN

- 28 - Don Peperonne Y El Tango 90
29 - O Homem Borboleta E A Mulher Morcego 94

LUÍS CLÓVIS MACHADO DA ROCHA JÚNIOR

- 30 - Causo da Penha: é amor, não violência 97

LUIS FRANCISCO FRANCO

- 31 - Queda livre 100
32- Sensações estranhas 104

LUIZ CORTE REAL

- 33 - Espelho meu 108

MAFALDA DOS SANTOS

- 34 - Esfinge 111
35 - Ressureição 113

MAGDA LUCIA MAGALHÃES BONFIGLIO

- 36 - Quem é você 115

MARIO ROMANO MAGGIONI

- 37 - Por que não hoje? 118

MAURÍCIO DA ROSA ÁVILA

- 38 - Nosso tempo 121

MIGUEL ANTONIO JUCHEM

- 39 - Pássaros 125
40 - Tika (amor canino) 128

MIRELA RAMOS DE OLIVEIRA

- 41 - Afinal, onde fica o Brasil? Em Plutão? 133

MÔNICA BECKER DAHLEM

- 42 - Passarinho 136
43 - Nós 138

NEI PIRES MITIDIERO

- 44 - Terceira-Lua 140
45 - Voando da Torre 146

NEY BITTENCOURT PEREIRA

- 46 - De Que Valeria 151
47 - Dicotomia 153

RAQUEL ANTUNES

- 48 - Um olhar sobre os fatos 155

RODRIGO BARCELLOS

- 49 - A Face de um Rosto 157

RONALDO LUCENA

- 50 - A escrita do chão 160

ROSANE MICHELS

- 51 - Sonho virtual 163

RUBIE JOSÉ GIORDANI

- 52 - Filha 166
53 - Gaúcho forte 168

SABRINA DALBELO

- 54 - Paralelos cruzados 170

WILSON RODYCZ

- 55 - Um trem para as delícias 173

CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



01

ADROALDO FURTADO FABRÍCIO

Desembargador aposentado,
jurista, advogado e
ex-presidente da AJURIS.

Homicídio

Homicídio

| ADROALDO FURTADO FABRÍCIO

- Não, amigo, não estou telefonando para jogar conversa fora. Tenho o que fazer, tu também. Quero prevenir-te de que serás procurado aí em Curitiba por uma certa Mira. É uma pessoa excelente que precisa de serviço e já trabalhou comigo, de doméstica. Dedicada, discreta, perfeita para a função. Acho até que a viste aqui em casa quando estiveste na cidade, meses atrás. O marido cismou de mudar-se, vive atrás de empregos que nunca dão certo. Bom, por falar do marido, o tal Marcino...

- Que é que tem o marido? Também quer emprego?

- Talvez queira emprego, mas não quer trabalho. Vadio de marca maior. A mulher tem passado horrores com ele. O cara bebe, cai na rua, volta de ressaca, surrado por parceiros e o mais que se dá nesses casos. Desconta na família; é do tipo que bate na mulher e joga o filho pela janela. Briga na rua também. Mais de uma vez, esteve preso por desordem, rixa, bebedeira, lesões corporais. Eu mesmo o defendi algumas vezes a pedido dela, muito contrariado; sabes que não gosto do crime e muito menos de bagunceiros. Ela é uma vítima, os filhos também.

- Meu caro, não me leva a mal... Parece-me, assim de longe, que tens uma quedinha por essa Mira...

- Pois até não nego. Nós nos criamos não digo juntos, mas bem próximos. Sabes como é no campo: meia légua, é vizinho quase de porta. Ela era menina jeitosinha e faceira, atirava-me uns olhares... Não vou mentir que eu ficava indiferente. A cultura local até que favorecia; afinal, eu era filho do patrão, ela, filha de agregado. Mas nunca houve nada, sabes que eu sou meio bobão para essas coisas e ela era acesinha mas comportada.

- Se estás dizendo... Mas fica tranquilo, tua protegida terá bom emprego. Minha mulher vive louca atrás de empregada, sabes como é, gostará muito de dar trabalho a uma pessoa tão recomendada.

- Ótimo. Mas abre o olho com o tal marido. É carne de cobra. Não deixes que ele se aproxime muito; ele vai querer tirar vantagem. Não te metas na relação deles; sabes como é, a gente acaba levando pau dos dois. E cuida um pouco da infeliz, ela vive apanhando dia e noite, é pessoa frágil e muito passiva. Dá-me notícias.

.....

- Quero agradecer-te muito a indicação. A Mira está trabalhando conosco, a Adelaide está encantada. Obrigado. Ganhamos todos.

- E o Marcino?

- Não o vejo quase; como recomendaste, mantenho-o à distância. Mas ela aparece vez por outra com umas marcas roxas, diz que caiu, bateu na geladeira, sei lá. Procuro não meter-me, não posso mesmo fazer nada. Mas ela é ótima. Arrumei escola para as crianças dela, ele não moveu uma palha. Como é que ela o aguenta?

- Cheguei a fazer-lhe essa pergunta uma vez, quando ainda estavam aqui. Ela dizia, doutor, não posso deixá-lo; o senhor não imagina a vida de uma mulher sem homem lá na vila. Todo mundo abusa, maltrata, usa e joga fora. As crianças caem de vez na safadeza e na droga.

Não pude deixar de concordar. Enfim, que bom que ela está empregada e todos estão satisfeitos.

.....

- Meu caro, estou desnorteado. O Marcino e a Mira... uma tragédia. Tens que me ajudar, com tuas artimanhas de advogado.

- Mas o que houve? O Marcino finalmente matou a Mira?

- Não. A Mira matou o Marcino.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



02

AFIF JORGE SIMÕES NETO

Juiz em Santa Maria/RS.

A Pipa do Catulino

A Pipa do Catulino

| AFIF JORGE SIMÕES NETO

Catulino de Melo Alves era aposentado - e bem - da Coletoria Federal. Proventos que dariam para encher até a boca um balde daqueles de pedreiro a cada final de mês. Só de terreno espalhado pela cidade tinha pra mais de quinze, tudo amurado, papelada nos conformes. Mas como a felicidade nunca tapa o corpo inteiro, precisava passar o último brilho de Parquetina nessa riqueza sem fim e conseguir uma mulher nova que pudesse chamar de patroa e, quem sabe, lhe dar um bacuri temporão. Viúvo de largo trânsito em bordéis e estabelecimentos congêneres, de uns tempos para cá contraiu rabugem dos ambientes fumacentos e de precária luminosidade, e o que mais queria agora era engatar o cabo do velocímetro já perto dos cem mil em rodado de mocinha com quilometragem de seminovo.

Ao encontrar o vereador Filomeno Aires Peçanha em frente à Tabacaria Caporal, foi tratando de dar a notícia da deliberação tomada, recém-saída do forno, enquanto o nobre edil fechava um palheiro com figueirilha:

- Fifi, meu bom Fifi, te participo, em tom confidencial, que desde a entrada do verão sou homem banhado e inundado no auge do contentamento. Sabe a Ambrosina, filha do velho Celidônio Menezes, aquela cabeludinha reforçada de peito e recavém? Pois a menina quer porque quer meter o meu Melo Alves na rabadilha do seu sobrenome. Me disse, na varanda da orelha, em processo adiantado de cafuné, que homem do calibre do teu amigo aqui só aparece de três em três Copas do Mundo. Duas é pouco. Mimo desse porte merece casamento de ocupar toda a coluna social do "O Democrata" e ainda faltar bobina de papel pra citar a escalação da convidagem comparecente. Para tu ter uma ideia do barulho que vem por aí, o buraco do churrasco vai ser aberto com a escavadeira da prefeitura, e te quero como padrinho nas soberbas do altar. Por falar nisso, o que tu me diz da penitentezinha, doravante tua afilhada?

Filomeno trafegou o lenço de seda desbotado pela testa, puxou um catarro enlutado de nicotina lá do dedão do pé e foi dando parecer montado na reticência dos pormenores:

- Mas óia, hõmi véio, se eu fosse tu, dava o dito pelo não dito e fastrava que nem boi manso ressabiado da canga. O passado libertinoso da Ambrosina é carregamento tão pesado que caminhão Mercedinho cara-chata patina, patina e não sai do lugar. Vai precisar de um Volvo bi-trem trucado. E te digo mais: enquanto tu guarda o corpo com as galinhas, logo que termina a novela, a tua noiva agarrou o hábito de dar nem que seja uma passadinha na casa do Maneco Novais, um ex-namorado que, pelo visto, ainda tira lasca graúda daquela madeira de lei. E tu, com essa cara de tanso, nem desconfia que ela tá te botando cada aspa que dá pra laçar no Rodeio de Vacaria.

A resposta veio de bate-pronto:

- Só acredito vendo. Como não vi, não acredito. Além do que a Ambrosina, quando fala, parece que uma santa proseia no lugar dela.

Filomeno, ao notar que o propósito de abrir os olhos do Catulino estava batendo em tapera, partiu pro arremate:

- Se tu ainda não entendeu aonde eu quero chegar, vou direto na veia-artéria: a Ambrosina é uma baita duma furada!

Ao que Catulino cravou até o cabo o argumento final, depois de colocar no prumo a gravatinha borboleta furta-cor:

- Ué, mas e daí? Eu não quero ela pra carregar água!!!



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



03

ALEX GONZALEZ CUSTÓDIO

Juiz de Direito em Porto Alegre.

O Papel e a Humanidade

O Papel e a Humanidade

| ALEX GONZALEZ CUSTÓDIO

Frequentemente tenho ouvido que deve ser aplicado o que está no papel, o que está na lei, nos acordos, numa afirmação simplista e extremamente formal.

Será que nos esquecemos de nossa humanidade?

Será que nos esquecemos de que temos sentimentos e que um papel nada significa nos relacionamentos interpessoais?

Será que estamos deixando de valorizar nosso bem-estar e o bem daqueles que estão a nossa volta?

Será que tudo é mercado, consumismo, dinheiro, competição?

Será que ainda vivemos uma situação de “gosto de levar vantagem em tudo”?

Será que não se consegue levar as coisas da vida de modo mais tolerante, amoroso e sem rancores e mágoas?

Temos que aprender que cada um de nós é diferente um do outro e é isso que faz de nosso mundo uma diversidade, mas que deve ser realizada de forma mais harmoniosa e plena, excluindo a discórdia e o litígio.

Todos nós elegemos nossas prioridades e dentre todas acredito piamente que devemos eleger o bem-estar e o bom viver em primeiro lugar.

Todo o mais é decorrente disso.

Às vezes nos esquecemos de lembrar que o que fazemos de bom amanhã retorna da mesma forma, porque quem semeia, colhe.

Não podemos resolver nossas vidas somente com o que está no papel.

Nosso destino como homens está exatamente em superar as dificuldades e os parâmetros preestabelecidos em papéis.

Temos que fazer cumprir uma obrigação não porque está escrita, mas porque nosso coração e mente assim definiram.

Há situações que nos retiram a racionalidade?

Há sim, mas é nessa hora que devemos exorcizar nossas neuras em um exercício de tolerância e paciência.

Se não encontramos reciprocidade, resta esperar e pedir ao velhinho lá de cima que um dia se faça justiça.

Por isso que o que está no papel não é preponderante para a humanidade, porque somente se ela se convencer que se compõe de homens e não de papéis é que vamos viver em harmonia e nos vermos como nós somos verdadeiramente, e não o que o papel mostra que somos.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



ALEX GONZALEZ CUSTÓDIO

A decisão de um Juiz

A decisão de um Juiz

| ALEX GONZALEZ CUSTÓDIO

Deve ser de acordo com o texto legal, com base na letra fria da lei? Ou de acordo com os parâmetros do homem que somos?

De acordo com os valores do homem comum?

Dizem ser mais justa aquela decisão que trata todos de forma igualitária, ou seja, utilizando os critérios legais de forma igual para todos, a fim de se chegar a uma solução.

Veja-se o exemplo da decisão de Salomão: dividir a criança ao meio, metade para cada uma das mulheres que se afirma serem a mãe, conforme a lei determinava, ou conceder àquela que abria mão de seu direito à metade para não ver o menino morto.

Ressalte-se que não se utilizou o critério legal, mas o bom senso para prolatar a decisão, que acabou concedendo a criança àquela que decidiu abrir mão de sua metade para não ver o menino morto.

DECISÕES.

Como nos afastarmos de nossa humanidade para prolatá-las, como não envolver questões relacionadas com circunstâncias das pessoas envolvidas, das consequências para os envolvidos, sabendo que, embora obedecendo aos critérios da lei, estaremos patrocinando traumas e consequências que nem mesmo temos condições de dizer até onde poderão chegar nas pessoas atingidas por esta decisão.

Ao decidir, o fazemos como homens, não somente como juízes, porque o Juiz não está fora do homem nem o homem pode estar fora do Juiz.

Aplicar a letra fria da lei é um critério justo, porque utilizado independentemente de raça, cor, religião, crença e classe social.

Mas justo para quem?

É, sem dúvida, uma decisão mais fácil, sem comprometimentos, mais cômoda, mais confortável, sem adotarmos uma verdadeira decisão, qual seja, nos posicionarmos diante de um fato da vida, sem verificarmos os reflexos para aqueles que vão ser atingidos por esta decisão, as circunstâncias, sentimentos, traumatizações, emoções que irão resultar.

Já me dizia um mestre que devemos nos colocar na situação daquele a quem iremos julgar, ou seja, procurar sentir o que a pessoa irá sentir e somente depois julgar.

Do contrário, a decisão se transforma em mais um produto do mercado, no qual as questões como emoção, amor, carinho, sentimentos são tachadas como objetos estáticos, dados, premissas menores.

Creio sinceramente que uma decisão judicial deva estar mais próximo do homem do que da lei, deva estar impregnada de humanidade, solidariedade, emotividade. Senão, por que então um homem ter que julgar outro homem?

Se não for isso, deveríamos, então, estar pensando em construir um supercomputador, onde colocamos os dados de fato, de direito, os elementos estatísticos, e esperar uma decisão estática, objetiva e fria da máquina, com base na lei.

Decisão justa, muito justa, justíssima.

Mas justa para quem?



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



05

ANENCIR JOSÉ ROGOSKI

Oficial de Justiça
Cerro Largo (RS).

O cotidiano do oficial de Justiça

O cotidiano do oficial de Justiça

| ANENCIR JOSÉ ROGOSKI

As diligências do oficial de Justiça certificadas retratam tão somente a parte processual devidamente cumprida de forma positiva ou não. Há, no entanto, uma diversidade de acontecimentos entre o recebimento do mandado e sua devolução que, por não conter matéria de direito, não é relatada, permanecendo apenas na memória do servidor.

Lançando um olhar diferenciado às paisagens naturais ou construídas pelo homem, percebe-se a beleza e a história que pessoas viveram naquele campo. Inúmeras casas são abandonadas em razão do êxodo rural ou do crescimento financeiro. Edificando-se em local mais próspero nova residência, aquelas ficam para trás.

Simples porteiras à beira da estrada, retratadas, mostram o quanto alteram os locais de trabalho do “longa manus” do magistrado, que leva aos mais variados locais suas decisões. Ao se aproximar de uma velha casa, já em ruínas, sente-se um ar diferente, de pessoas que passaram por aquele imóvel e agora só ele resta pra contar o que de bom se passou por lá. São belas igrejas comunitárias, cascatas, taperas, lugares históricos e simples paisagens do cotidiano.

Pensando em mostrar o que há de interessante e que possa despertar o interesse de pessoas que apreciam as paisagens do interior da comarca de Cerro Largo, abrangendo cinco municípios (Cerro Largo, Roque Gonzales, Salvador das Missões, São Pedro do Butiá e Ubiretama), há certo tempo, são publicados álbuns contendo retratos da região em rede social.

Na posse dos mandados, uma máquina fotográfica digital, totalmente amadora e uma visão atenta, o conjunto de imagens a retratar vai surgindo. A surpresa acontece quando, após as publicações, são encontradas imagens do imóvel em livros. Caso da antiga residência da Família Rotta, na Linha Quatorze de Julho, Distrito de Rincão Vermelho, Roque Gonzales, que faz parte de uma obra literária publicada na República Argentina. Ao ser publicada em rede social, a imagem atual tomou forma de cartão-postal.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



06

CASSIANO RODKA

Escritor, jornalista, músico e DJ. Desde 2005, edita o site PáginaDois (paginadois.com.br) junto com a escritora Clarice Dall'Agnol Casado, onde publica seus contos, crônicas e poesias, além de assinar as colunas de Música e Quadrinhos. Em 2014, lançou o livro Partituras pela editora Buqui. Para ler mais, visite cassianorodka.com

O segundo capítulo

O segundo capítulo

| CASSIANO RODKA

Encontrei um livro atirado no meio do caminho. A capa era linda, o suficiente para eu me abaixar e pegar o exemplar. Comecei a ler e, logo no primeiro capítulo, fiquei fascinado com a história. O enredo era envolvente, os personagens prometiam um grande desenvolvimento psicológico, a interação entre eles era ótima e a trama parecia ser diferente de tudo que eu já havia visto...

Mas aí a surpresa!... Não havia segundo capítulo!... As páginas estavam em branco. Sem uma palavra. Ah, a frustração!... Eu já havia me envolvido tanto, precisava saber para onde aquela história iria. Não contente com a falta de continuidade, decidi que era preciso tomar as rédeas daquela situação. Sentei na calçada e me pus a escrever. No início, parecia um pouco conturbado e eu não tinha certeza se eu daria conta de manter o nível do primeiro capítulo. Mas, aos poucos, a história foi tomando impulso. Os personagens eram excelentes e me ajudaram um bocadinho. Logo, logo estavam a tomar suas próprias decisões, eu só precisava empurrá-los de leve com a ponta da minha caneta. O enredo se costurava tão naturalmente que era como se ele estivesse me controlando e não o contrário. Cheguei a pensar que nada que eu havia feito anteriormente poderia chegar perto de superar aquela história. Depois de algumas boas páginas escritas, uma segunda surpresa!... Havia um terceiro capítulo! Depois de páginas e mais páginas de folhas brancas? Uma provável má impressão do livro. Talvez fosse esse o motivo de o terem abandonado no caminho. Sentei no meio-fio novamente e me pus a ler. Curiosamente, o capítulo começava com uma certa continuidade daquilo que eu havia escrito. Me deu uma estranha, mas boa sensação. Parecia que a história ia, de fato, tomar a direção que eu estava prevendo. Mas alguns personagens começaram a tomar atitudes que eu não esperava...

A história se desdobrou por curvas inusitadas e eu não tinha mais o poder de contorná-la com a minha caneta para pô-la de novo no caminho que eu pretendia. Começou a ficar impossível de seguir aquela leitura... Uma tristeza se apoderou de mim e atirei o livro no chão. Segui em frente sem olhar para trás. Triste em saber que alguém, algum dia, o encontraria...



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



07

CASSIANO RODKA

Conto de fadas Capítulo III

Conto de fadas

Capítulo III

| CASSIANO RODKA

Achei que era carruagem, era carroça
Príncipe de nada, rei da troça
Sambando sem molejo, maldizendo a bossa
Achei que era carruagem, era carroça Achei que era castelo, era palhoça
Um guerreiro tão belo, uma armadura que coça
Bancando o bobo da corte, mergulhando na fossa
Achei que era castelo, era palhoça
Achei que era permitido, talvez não possa
Dar a mão ao inimigo, fazer vista grossa
Então me ponho de castigo, era uma vez essa joça
Achei que fosse consumado, falha nossa!...



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



08

CLAUDETE MORSCH
PEREIRA SOARES

Advogada e Psicóloga.

Banco de Jardim

Banco de Jardim

| CLAUDETE MORSCH PEREIRA SOARES

Aquele banco de jardim em frente ao rio onde são deixados
pensamentos, lamentos, juras de amor... Promessas de morte,
indecisão... algumas alegrias, demagogias...

Onde restam, ao cair da tarde,
silenciosas histórias e farelos de pão...
Um pouco de erva-mate que se mistura
à poeira preguiçosa da estrada,
alguns guardanapos encharcados de salgadas lágrimas,
garrafas, fósforos queimados, tocos de vela,
pelos de cães, um pouco de solidão...

E o rio, este rio que, às vezes, nervoso,
faz desaparecer sorrateiro as suas margens,
que engole o banco,
levanta a calçada distraída...

Esse rio... espelho d'água sem fim...
murmura a sua dor ao cair da noite,
arrastando consigo as canções tristes,
o beijo sôfrego dos amantes,
as vozes agonizantes dos sedentos,
os louvores dilacerantes aos santos,
as flores que jazem quietas ao seu balanço...

Esse rio que tudo vê e sente,
não há de mentir,
pois todos que se sentam ou tocam neste banco
deixam um pouco de si.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



09

CLAUDETE MORSCH
PEREIRA SOARES

Adoçando o mundo

Adoçando o mundo

| CLAUDETE MORSCH PEREIRA SOARES

Quero adoçar o mundo para que os olhares fiquem mansos e ternos, para que os gestos se tornem gentis e delicados, para que não haja lamúrias, apenas vidas pulsando.

Quero adoçar o mundo para não ver mais misérias e abandono e dores pela falta de perdão.

Quero adoçar o mundo para que as mãos distantes e rudes se encontrem, para que nenhum corpo passe frio e que o calor dos corações não permita que feneçam corroídos pela fome e sede.

Quero adoçar o mundo para que não haja mais guerras, apenas as de travesseiros, como nas brincadeiras de criança. Para que não transbordem tantas lágrimas pela indiferença, pela ausência ou pelo descaso.

Quero adoçar o mundo para que os lares sejam lugares onde se comungue apenas o pão e o amor. Para que busquemos estradas mais brandas, e saibamos enfrentar as nossas tempestades internas. Para que nenhum de nós se esqueça de contribuir para a paz entre os homens e de compartilhar com eles as nossas alegrias.

Quero adoçar o mundo
para que caminhemos em direção à luz, desviando do braseiro das vaidades.
Para que saibamos ser ridículos quando necessário e desavisadamente bobos
ao falar de amor.

Quero adoçar o mundo
para que ninguém jamais azede os nossos dias com queixas vazias
e para que sejamos agradecidos por essa experiência fantástica que é o viver.

Quero adoçar o mundo, porque
nada encanta e agiganta tanto a alma
que um coração florido de bondade.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



10

CLAUDIA MORAES BARTZSCH

Psicóloga com formação em Psicanálise.
Bacharel e Licenciada em Psicologia pela UFRGS.
Especialista em Psicologia Clínica e em Saúde Mental Coletiva.
Trabalha no CAPS Centro da Secretaria Municipal de Saúde
de Porto Alegre.

Ponderação

Ponderação

| CLAUDIA MORAES BARTZSCH

A pesar de ser outono,
o homem faz questão
de exhibir seu torso nu no parque.

Parece feliz.
A pele está bonita e dourada
pela reiterada exposição
aos raios do sol.

E ele é sorridente.

É como se escolhesse viver tudo intensamente
nessa metade de seu corpo
para compensar o adormecimento da outra.

Ele é um cadeirante.

Alguma doença ou algum acidente
o fez necessitar de rodas
para poder continuar
a se locomover e a viver.

Não será talvez mais triste o destino de quem,
mesmo tendo um corpo inabalado
por enfermidades ou azares,
está completamente morto por dentro?



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



11

EDUARDO MEDINA GUIMARÃES

Advogado, escritor e artista plástico.
Desenvolve o gênero do romance, do conto e da poesia.
Estes poemas são do novo livro em formação "A Casa Bege".

O gabinete

O gabinete

| EDUARDO MEDINA GUIMARÃES

Era no gabinete do pai.
Lugar sagrado, sacro, inatingível.
Não havia paredes, só estantes estufadas de livros;

Livros de todas as cores, larguras, cheiros...

O gabinete do pai era um local fascinante.

Havia toda a cultura do mundo, um lugar de veneração.

Havia no centro uma grande mesa de ferro cinza, pesada e grossa, cheia de caixinhas e outros objetos, muito, mas muito misteriosos;

Canetinhas, barbantes, pincéis e outros que nem sei descrever.

Havia a cadeira do papai, a primeira era amarela com banquetinha para os pés.

Toda a vez que ficava sozinho no gabinete, as estantes cresciam como se fossem chiclete puxado da boca;

Quase fechavam sobre a minha cabeça, tamanho o peso da cultura.
Não posso, não consigo, é muito livro e pouco tempo.

Lia os títulos, coloridos, grossos ou finos, preto e brancos...lia, relia, colocava cada tomo aos poucos, para dentro da minha cabeça.

Não posso...

Quando se é pequeno, o mundo é grande demais...

Quando a gente cresce... o gabinete é o próprio mundo.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N.º 26



12

EDUARDO MEDINA
GUIMARÃES

Pelos furos da escada

Pelos furos da escada

| EDUARDO MEDINA GUIMARÃES

Os primeiros degraus da escada tinham furos bem redondos;
Um em cada lado.
Misteriosos furos que davam luz ao subterrâneo.

A parte mais baixa da casa, escondida atrás da escada;

Quando estávamos ali espreitávamos os pés que subiam ou desciam,
apenas pelos dois furos.

Lugarzinho escuro e frio, abafado pelas pedras do alicerce;

Lá fizemos o esconderijo;

Até que o espaço foi diminuindo, diminuindo, diminuindo...

Hoje não consigo mais entrar lá dentro;

De tanto brincar de ser grande me tornei um adulto;

E hoje ainda espio o mundo como quem olha pelos furos da escada.

Eduardo Guimarães.
Do livro "A Casa Bege".



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



13

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

Nasceu em Florianópolis, SC, em 1945. Formou-se em em Direito pela UFRGS (1969). Tem 23 livros publicados e participou de mais de 50 antologias. Seu romance "Olhos Azuis - Ao Sul do Efêmero" (2009), recebeu, em 2010, o Prêmio Internacional de Literatura, outorgado pela União Brasileira de Escritores - UBE -, sendo contemplado com o "Prêmio Lúcio Cardoso", concedido para a melhor obra - segundo a entidade - publicada no gênero, no Brasil, naquele ano. Sua obra foi também tema de Dissertação de Mestrado na UFSC*.

Nasce

Nasce

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

(...)
“Espero um mínimo de lucidez/na dança dos meus ventos
invernais,/embora isso pareça-me improvável,/por falta de
navio, âncora ou cais”

(Geraldo Carneiro)

A literatura nasce de um estrondo? De um ruído? De um gemido?

Nasce de uma esperança contra o tempo?

A vida só não basta – muitos já disseram.

Nasce de nossa “pressa” contra a “Indesejada”? Um pé de goiaba no quintal, vento sul, mar, calças curtas, trapiche. Elixir Paregórico, Pomada Minâncora, goma arábica, a venda do Quidoca, groselha, pitangas, cigarro sem filtro, máquina Singer, fogão de lenha, procissões, o relógio de algibeira do meu pai – chapéu, terno preto –, Missa do Galo, álbum de fotografias, “algodão doce” – e até o fim da estrada teria muito do que lembrar.

É preciso sorrir ao pé das fogueiras acesas.

Tainhas em maio, faróis de todos os cantos da Ilha, “barba de velho” para fazer o presépio natalino, ilha mítica/minha/nossa carne levada aos ventos., Alvissaras, meu capitão: Terra à vista!

“Minha vida daria um livro” – alguém exclama. Eu penso: todas as vidas dariam um livro.

Minha sagrada reivindicação no mundo dessacralizado: AMOR PARA TODOS. Pão e amor para todos: tal apelo é um legado? Esperança? Reivindicação. Amor? Sim. Amor. Como o pão nosso de cada dia.

“Eu era feliz? Não sei, fui-o outrora agora” – nesse final (em verdade, os textos nunca terminam: o “fim” é uma breve pausa...), “preciso” lembrar o mestre luso e eterno – Fernando Pessoa.

(Salvador, julho de 2017)



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



14

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

Quem não deve...

Quem não deve...

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

Quem não deve, não teme
nem treme
ou deve temer?

Temor?

Confraternizam-se e transacionam com os “Mafiosos da Carne”

(sempre fraca) na calada da noite – palácios assépticos – muitos dormem,
não eles.

Chegam a rir – tão amigos eram – agora querem sangue.
A brava gente está cansada?

Suas forças esvaíram-se nas “tenebrosas transações”?

Ou é apenas a dor da impotência?

Moedas cintilam nas mãos

a sombra esconde a vergonha.

Como? Nunca a tiveram.

Sem temor, são tiradas as verbas para a investigação.

Remorso? Nenhum.

O medo é de serem descobertos.

Velhacos e patifes – como Judas – oferecem beijos como sinal da traição.

Vem de longe. Sim: das Capitánias Hereditárias, golpe militar, quarteladas, contragolpes, governos civis, repúblicas “novas” – O Diabo soprando sempre o que vão dizer – até o século XXI (e irá adiante?).

“Não vi”, “não sei”, “não estava”, “é calúnia”, “é mentira”, “não sou eu”.

E precisamos comer o pão que o Cachorrão amassou.

E avançam tais tropas – enquanto o cansaço anestesia uma Nação.

Não era para ter escrito assim: seria apenas uma história para crianças – prosa poética.

Mas contaram-me eventos vis.

(Salvador, julho de 2017)



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



15

FÁBIO VIEIRA HEERDT

Juiz de Direito.

Calígula

Calígula

| FÁBIO VIEIRA HEERDT

Rompi tua blusa como se descerrasse a porta de uma jaula à caça rai-vosa de uma fera. Meu movimento te fez arrepiar os pelos, fez verter uma gota de suor quente pelo vão das tuas costas desnudas. Teus seios pulsavam, no arfar da tua respiração sôfrega. Tinhas os mamilos tesos, um olhar aterrorizado da presa entregue ao ser bestial em que me tornara.

O céu tornou-se púmbleo e ameaçador. Tudo em ti era medo. Todo medo em ti era o meu prazer. Tuas pernas torneadas e lisas como pele de manga me fizeram estremecer de desejo. Eu não queria te querer, mas foi como se fizesse uma força descomunal pra me afastar desse sonho louco de só pensar em me perder nas tuas dobras, de me embriagar no teu recôndito odor de fêmea. Então eu quis o que só poderia querer de ti, que era senão de tuas coxas quentes emprestar o fervor, e do fervor me tornar teso para te amar loucamente. Eu sou assim, eu te torturo com um olhar lancinante que faço espetar em teu corpo. O que esperas de mim, enfim? Pra ti o amor não é um jogo de peças que se entredoveram num tabuleiro e na alcova? O que esperar de mim? Já me sabias um calígula! Não uso máscaras, mas não tolero espelhos. Me agrada estar aqui contigo, à beira dessa cachoeira, donde não tens como escapar-me. Já estás decomposta, te fiz nua, vês?

Admira-me tua altivez! Estóica, nem cobres tuas partes. Nem viras-me o rosto. Estás entregue ao teu algoz. Era isso que planeavas! Trazer-me a este lugar bucólico pra me fazer pensar ser eu teu senhor. Mas o amor não tem senhores nem se serve de artifícios... Vem! Tomo-te pela mão e vamos, nós nus, banhar na água do geiser nossos sexos ardentes... Vem mergulhar co-

migo, vem salvar do perigo o amor que ainda podemos ter e dar. Viste?! O céu já abriu, tuas mechas brilham, o azul que tens nos teus olhos lancina nas pedras desse esconderijo que encontramos. Será o nosso segredo, acalenta-o nos teus desejos. E quando vierem as lembranças dessa tarde, recorda sempre que aqui nos encontramos no acaso esperado do destino.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



16

GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Desembargadora do TJRS.

Os Sapecas

Os Sapecas

| GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Loiros, morenos, cabelos ondulados, outros estilosos, menininhas faceiras, nenês fofos... Pequenos seres alegres transitam pelos corredores sisudos do prédio imponente da Justiça. Entram sem pedir licença. Conseguem driblar a segurança.

Com os olhos cheios de curiosidade e as mãozinhas ligeiras, vão abrindo portas, tirando a concentração de jovens que olham para a porta que se abre, afastando os olhos do computador de tela dupla. Será vento? Não, uma leve brisa e um perfume sutil entram nos gabinetes. São eles, os pequenos.

De vez em quando esbarram em xícaras de café. O líquido cai, as mesas ficam molhadas com um marrom aguado e de aroma peculiar. Pessoas se apressam a ajudar as vítimas das peraltices que se desculpam, pois não sabem como é que o café derramou. E começam as risadas.

Num canto escuro, entre vassouras, panos de limpeza, a lágrima de uma jovem é aparada por uma menininha de olhos azuis. Ela não entende por que uma jovem tão linda chora. Percebe que pensamentos negros tornam a sala mais cinzenta e sem ar. É preciso tomar providência urgente. Alerta a gurizada e vêm todos em bando para puxar a saia da jovem. Ela sente cócegas e começa a rir. Colegas de trabalho vão até a salinha, agora mais clara, para ver o que acontece. Ufa, pensa a menininha, deu certo. Vamos adiante.

E assim, continuam provocando sorrisos, sussurrando no ouvido de uns, chamando atenção a outros para que atendam o velho senhor de chinelas que está à procura de informação, subindo e descendo pelas escadas e elevadores.

E, quando são lembrados nas conversas de almoço, por avôs e avós, os pequenos voltam a seus lugares. Eles têm um castelo especial nos corações de homens e mulheres de togas negras, que, ao lembrá-los, se enternecem, têm vontade de sorrir, de tornar o mundo mais justo.

Afinal, esses sapecas têm direito à felicidade.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26

17

GENI VIEIRA DE OLIVEIRA

Professora aposentada. Sempre gostou de ler e de escrever.

Foi classificada no Concurso Poemas no Ônibus e no Trem (2009, 2010, 2013 e 2014) e no Concurso Histórias de Trabalho (2010 e 2012). Participou durante quatro anos da Oficina de Criação Literária Aley Cheuiche. Frequentou a Oficina de Criação Literária de Rosany Schwarz Rodrigues na ACF (Associação Cristã Feminina) e a Oficina de Criação Literária Online de Marcelo Spalding. É coautora dos livros O Palco Histórico da Feira do Livro (2009), Porto Alegre dos Casais: chegadas e partidas (2010), Legalidade- 50 anos depois (2011) e A Casa do João-de-Barro -APCEF/RS: 60 anos de história. Participou de diversas coletâneas. É sócia do Partenon Literário e membro da Comunidade Elos Literários. Atualmente, é aluna do curso Livre de Formação de Escritores na Metamorfose Cursos.

Às Apressas

Às Aversas

| GENI VIEIRA DE OLIVEIRA

Rita Helena e Eugênio Manoel cavam em silêncio. Precisam ser rápidos. Depois da escolha do local para o suposto acidente da avó Ernestina, não há mais nada para discutir. Disfarçam o buraco com folhas secas, ideia de Eugênio, guardam a pá no galpão e lavam bem as mãos no tanque. Ouvem palmas no portão e o latido do Imperador. A mãe está ocupada com o almoço e os cinco irmãos menores escondem-se embaixo da velha casa de madeira. Não gostam da avó. Nem desconfiam do que foi tramado à noite. Hoje ela me paga, resmunga Rita. Abre o portão para a velha que reclama da demora, do calor, dos buracos na rua, do cusco que a olha com os dentes à mostra. Ninguém a suporta.

Magra, de nariz comprido, boca crispada, sem nenhuma palavra de carinho nem mesmo para o filho, é recebida apenas por obrigação. Come sem elogiar a comida, queixa-se dos netos que não têm modos. Fazem caretas, são respondões, não lhe pedem a benção. Elogia os outros netos. Sua filha sabe criar os meninos. A nora, calada, olha para o marido sem coragem de contradizer a mãe.

Dona Ernestina tem o dom de fazer os netos apanharem do filho. Nem mesmo Ricardinho, com apenas três anos, escapa. As tundas semanais a cada visita da avó provocam uma raiva muito grande em Rita e Eugênio.

Após o almoço, Dona Ernestina vai ao galinheiro perturbar as galinhas em busca de algum ovo esquecido. Atraída pelas couves com suas folhas enormes, dirige-se à horta. Enche a sacola de lona sem nenhuma cerimônia. Ouve-se um grito agudo e alguns gemidos. O filho corre em seu socorro. A velha não consegue se mover. Rita Helena e Eugênio ajudam o pai a levantar a avó. A nora apenas observa da porta da cozinha.

Mãe e filho passam a tarde no Pronto Socorro. Tornozelo quebrado, tala por quinze dias, gesso somente depois de uma nova avaliação. Dona Ernestina precisa de cuidados, sozinha não pode ficar.

A contragosto, Rita Helena cede a cama para a avó e dorme num colchão ao lado. A velha passa as tardes no sofá da sala, reclamando da vida, do destino, da imagem da TV. Pede água, leite, suco, mingau, bolachas, frutas. Reclama da comida e do descaso da filha que não vem visitá-la.

Eugênio arrepende-se de não ter concordado com o plano inicial da irmã: bater com a pá na cabeça da velha e jogá-la no fundo do poço.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



18

GLADIS CANELLES PICCINI

Juíza de Direito em Porto Alegre.
Escritora pelo prazer de dizer.

Sedução

Sedução

| GLADIS CANELLES PICCINI

Marina olhou mais uma vez para trás, esperando não ver aquele homem caminhando sobre seus passos. Mas viu. Lá estava ele virando a esquina. Quando seus olhos se encontraram, sentiu seu titubeio. Foi quase imperceptível, mas o medo lhe aguçava os sentidos. Por isso enxergara por detrás da postura aparentemente impassível.

Seguiu. Naquele final de tarde friorento, com o vento gelado lhe batendo no rosto, seguiu caminhando por entre os vultos que seguiam apressados, esforçando-se para reconhecer uma casa, uma árvore, ou algo que lhe garantisse o caminho de volta ao hotelzinho onde estava hospedada. Fixou o olhar na placa de um bar, cujas luzes já estavam acesas. De manhã nem percebera a placa. Engraçado, duas luzinhas, bem ao centro, na fileira de baixo, permaneciam escuras. Parecia uma boca luminosa onde faltavam alguns dentes.

O caminho se afunilava. Olhando firmemente à frente enxergava o traçado formado pelos paralelepípedos se fechando, com vaga ideia das casas que se emparedavam à margem, rentes à calçada, quase assim como se estivessem com os olhos compridos cuidando, incessantemente, o passar das pessoas. As portas eram as bocas fechadas que ostentavam, mais acima, alguns olhos abertos, outros fechados. Uns poucos luminosos, a maioria negros, como a noite que baixava.

Divagava, naquele momento. Impressionava-se consigo mesma às vezes. Olhou novamente, e ele estava mais próximo. Conseguiu pressentir-lhe as feições: cabelo escuro, pele morena, olhos abaixo de sobrancelhas robustas. Era alto e os ombros anunciavam um corpo forte.

Perdera-se em devaneios e o vulto estava mais próximo. Então o perfume lhe chegou às narinas. Marcante. Inebriante. Tinha um toque âmbar e cítrico. Respirou profundamente. Os cheiros sempre lhe seduziram. Atiçavam seus sentidos, afloravam seus desejos.

Passara por aquele cheiro durante o dia, brevemente, numa lufada. Tentava resgatar o momento da memória e ao mesmo tempo prestar atenção no homem. Ele estava muito próximo. Não a tocou, seguiu caminhando quase encostado ao seu corpo. Marina diminuiu o passo e aproximou-se das paredes que olhavam a rua. Elas não a viam, tinham os olhos espichados para longe. Seguiu mais devagar. Tinha outra urgência. O cheiro não a abandonava. Fechou os olhos e imaginou-se encostada naquele corpo. Parou.

Parou recostada na parede e se dobrou para trás. Encontrou o corpo ereto. Largou-se inteira. Forçou o quadril contra ele instintivamente e as mãos a seguraram com firmeza. Sentiu os lábios sobre os cabelos, a umidade da respiração. Quando os lábios alcançaram a pele e as mãos agarraram os seios, tentou se virar.

Ele forçou-a a permanecer. Seguiu o caminho com a boca, enquanto as mãos passeavam por seu corpo. Desceram dos seios à cintura, passaram pelo ventre e seguiram a busca. Abriu as pernas instintivamente e sentiu as mãos a acariciando, investigando, apertando.

Arqueou-se mais contra ele. Gemeu, olhos ainda fechados, acompanhando o movimento ritmado. Cruzou as pernas, apertando a mão que a acariciava, agora mais rápido, com o mesmo movimento ritmado do quadril. Sentia o prazer se aproximando. Gemeu mais forte, e o gozo chegou. Forte. Redentor.

O mundo parou, enquanto o gozo se espalhava por seu corpo. Ouvia, ao longe, o sussurro da noite. Queria parar o instante para gozá-lo eternamente.

Os gemidos foram silenciando, a respiração acalmava. Esforçava-se para abrir os olhos quando sentiu um beijo rápido e suave sobre o rosto. Sorriu. Cambaleou quando o corpo se afastou. Continuou sorrindo e virou-se.

Viu o vulto aproximar-se da esquina. Indolente. Relaxado.

Deu dois passos na direção da noite e do perfume e estancou.

Lembrou-se do cheiro daquela manhã. Lembraria sempre, a cada vez que fechasse os olhos.

Então, deixou que fosse.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



19

GLADIS CANELLES PICCINI

Desejos

Desejos

| GLADIS CANELLES PICCINI

Eu quero teu olhar, aquele fugaz, de um amor intenso.
Eu quero as promessas desse amor sem tempo e sem fim.
Quero os sonhos divididos,
Em uma só trilha.
Aquele lugar, naquela praia, eu e tu,
Eu quero.
Quero te encontrar nos intervalos dos sonhos
E me abandonar no teu peito.
As viagens, por aí, quero.
As viagens para dentro de nós
Para aquele lugar, que só nós conhecemos,
Eu quero.
Escutar tua voz,
Que me sussurra coisas lindas,
Que me ordena coisas obscenas,
Eu quero.
Quero te beijar de boca aberta e entreaberta,
Com saliva, língua, tesão e amor.
Quero ser tua, sempre,
porque sempre te pertenci.
Venha, esteja, descubra,
Permaneça.
Quero, amo, desejo,
vivo, me entrego, admiro.
Porque te quero.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



20

ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

Desembargador do Tribunal de Justiça do RS.
Membro nato do Conselho Deliberativo da Ajuris.

A Sílfi de e a Vitória de Pirro

A Sílfi e a Vitória de Pirro

| ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO

O ambiente de trabalho consistia numa ampla sala, seriamente decorada e com pontos de iluminação natural, tudo ao gosto dos proprietários, onde os funcionários dedicavam-se ao cumprimento de suas tarefas, ninguém escapando do olhar matreiro e calculista da chefia.

Adroalda, mulher esguia e cheia de personalidade, tinha encantos que despertavam a curiosidade de todos, em especial pelo seu modo de andar, com classe, próprio de manequins autênticos. Beirando os trinta e poucos anos, era há quase dois lustros a responsável pela execução dos mandos da chefia e dos proprietários, o que fazia com maestria e bom humor, embora o tédio que às vezes nela comparecia, apenas notado que era no ambiente exterior ao local de trabalho.

Os amores com ela passavam como o vento, desfigurando-a. Era incapaz de manter algo sadio e prazeroso com os que dela se aproximavam, ao ponto de atribuir o afastamento a galope dos pretendentes ao fato de ter seu nome se originado da junção dos nomes dos pais, Adriano e Alda, estes desde há muito noutra esfera astral. Era uma desafortunada, dizia, não obstante a boa aparência física, a inteligência e o emprego certo, mas incapaz de adentrar no coração dos outros, mormente quando igualmente não afastava a invulnerabilidade do seu.

Naquele dia foi ao trabalho sentindo-se numa camisa de força, tamanha a vontade de desviar léguas de seu caminho original. Estranha sensação de inquietude. O ambiente do lugar parecia igual, inclusive as roupas sempre usadas por alguns dos colegas. As coisas não andavam bem por lá, sussur-

raram, bastava ver que a chefia, useira e vezeira em dar incertas no local, mantinha-se às portas fechadas.

Foi ter com a chefia, como era de seu hábito. Ouviu com atenção e perplexidade a longa e sutil narrativa daquela mulher bem-sucedida, firme e de pele alva, dando a tônica necessária ao ponto em que queria chegar, contando com a percepção aguçada da funcionária. Adroalda percebeu sim o alcance daquela catilinária e, mesmo estática pelo que ouviu, não acolheu ou desacolheu a proposta feita.

Em casa, durante seus afazeres, o assunto martelava em sua cabeça, em especial por nunca ter enfrentado uma situação tão delicada, que punha em jogo seus sentimentos, estes em todos os matizes. Numa primeira toada decidiu defender seus princípios, tão caros que lhes eram, mas pari passu chegou a pensar que naquela altura da vida e de suas circunstâncias não seria de todo ruim ousar.

Pronto, decidiu. Enfrentaria a chefia e recusaria a oferta feita. E assim o foi. O temor de represálias logo tomou contornos de fato, sentindo a pressão e o desdém vindo de cima. Tamanha a carga, que a fez desistir de seus planos profissionais e buscar uma nova opção, despedindo-se calorosamente de seus colegas. Retirou-se do local com o mesmo garbo no andar que lá usou durante aqueles quase dez anos.

Não se arrependeu de não ter se dobrado à proposta de seus superiores, já que, embora não tivesse qualquer preconceito quanto ao atuar sexual de outrens, não se sentiria à vontade compartilhando a cama com eles, com o único propósito de manter ativo seu cargo. Nunca se imaginou nesta situação de dar prazer a alguém por obrigação, sem um mínimo de vontade. Não deixou nem mesmo de sentir um certo dó daquela mulher de pele alva que, de certa forma, também era uma vítima das circunstâncias, mas não poderia por pena com ela dividir um leito, completado que seria com alguém de escalões superiores. Deu, portanto, a vitória aos seus algozes.

Já refeita da experiência e já direcionados seus objetivos profissionais, teve a notícia da derrocada total de seu antigo local de trabalho, inclusive dos que nele comandavam, em especial na vida pessoal de cada um. Casamento e vida desfeitos. Problemas emocionais de toda ordem.

Não lamentou o ocorrido, apenas sentiu alívio por ter decidido plantar sua própria árvore para não viver à sombra de ninguém. A invulnerabilidade de seu coração serviu como uma luva. Reduziu sua bagagem de necessidades e entendeu que não existia o certo ou o errado, mas sim o que cada um resolveu fazer de sua vida, e isso vale até para a mulher de pele alva e os que nela mandavam.

Enfim, o corpo esguio continuou com aquela aparência de sílfide, enquanto aquela vitória que deu mais se assemelhou, diante das circunstâncias fáticas, a uma vitória de Pirro.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



21

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

Desembargador aposentado. Diretor do Memorial do Judiciário.
Coordenador do Grupo de Direito de Família da Escola
Superior da Magistratura.

Trinta

| JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

A gente não se via desde os tempos de ginásio. Vim para o internato, ele seguiu outros caminhos, tinha pai militar que se transferiu para longe. Andou pelo Norte, agora era proprietário no Centro-Oeste e criava zebu. Apenas porque um amigo falou os nomes é que se conseguiu o mútuo reconhecimento. E aí, depois das trivialidades de hábito como que fazes, cabelos brancos, barriga, família, seguiu um repositório das lembranças, tempos do colégio dos padres, quermesses, matinê de domingo, saída das alunas das freiras, enfim.

Quando vem o momento do “te lembra?”, inundam fatos: “Quem, já morreu?”; “Puxa, era um baita balaqueiro”; ou “não era pro meu bico” e mais outras vaidades. Logo se desembarca nos assuntos sérios.

É que no passado circulava um escabroso episódio, comentado com voz débil, cautela e olhos baixos. De soslaio, porque envolvia personagens importantes de então. E agora, quando se trocam reminiscências o tema retorna, de que fulano – assim chamarei ao colega – sabia de versão correta, que conta.

Aqui na região da campanha, e filho do posteiro de determinada estância, cresceu infante que o destino brindou com especial anatomia. Vida modesta, forjado na lida do campo, no convívio da natureza e dos animais, como os guris da época, fora seduzido, naquelas lonjuras, a desenvolver intimidade com as servis éguas, porcas mansas e ágeis galinhas, sem descartar, por óbvio, a solidão do gesto, é claro. Vez ou outra surgia empregada generosa.

Quando beltrano – é também o pseudônimo que lhe darei – veio fazer o serviço militar, depois do exame médico foi incorporado ao encargo cas-

trense, virando atração nas manobras e nos banhos. Em breve seria promovido a cabo. Sem demora a fama também alcança os fogões e cozinhas da cidade. As namoradas se arrebatam e exaltam os doloridos encontros. A Praça da Estação faz que não escuta os “ais” e “uis” noturnos.

Depois da baixa, e achando emprego no comércio, ainda mercê de seus pendoros, beltrano vive na pensão de madrinha, que também dava viandas para fora, onde, depois do expediente, expande seu renome tanto que as línguas (invejosas) o alcunham de “Rasputin da fronteira”, talvez para envai-decer-se ou demonstrar sapiência turística. Explica-se: os curiosos visitantes do Hermitage, em São Petersburgo, sabem que museu conserva em cristal a peça ornamental que pertenceu ao monge carismático, depois bêbado e devasso, e que teve trágica influência sobre Nicolau e Alessandra, imperadores russos.

A madrinha, esperta, alardeava as vantagens do afilhado para as jovens pouco incautas, damas libertárias, mulheres de vida livre e, pasmem, até efê-bos, acertando encontros nos fins de semana, recolhendo ela os estipêndios para compensar os gastos de beltrano com casa, comida e roupa lavada.

Contudo, chega inesperado momento em que o coração do ingênuo cam-pônio desvanece de paixão por esguia moça integrante da sociedade e, como ele possuía também beleza apolínea, atraem-se os opostos. As cargas elétri-cas se esfolam. Segue-se romance abrasador entre o viril escriturário e a nor-malista ardente, embora sem a janela de Verona. Em cenários encobertos.

Menos aos olhos de cobiçosos e espões pusilânimes que os delatam, pre-miadamente, ao pai dela. Homem poderoso, herdeiro dos costumes de cau-dilhos do passado, entende-se ferido em sua honra. E sentencia o atrevido moçoilo.

Para não deixar pistas, contrata facínoras em país vizinho. Vigiam beltra-no e, quando ele saía do emprego em noite hibernal, é arrebatado para lugar ermo, espancado, agredido, golpeado de morte.

Moribundo, ao arrepio de todas as regras morais, os celerados decepam as indefesas partes que davam prestígio social a beltrano pretendendo levar o troféu ao mandante como prova da execução.

Mas o alarido de qualquer do povo os faz abandonar a cena. Fogem no breu. Avisados chegam amigos que, ante o cadáver, providenciam sepulta-mento digno aos restos do desditado patricio.

Um deles, discretamente usando caixa de papelão para sapato 44, recolhe do chão ensanguentado o frágil anexo, que, à sorrelfa, é depositado num cemitério de campanha.

Em Finados, dizem, o sepulcro é reverenciado por seita de estranhos adeptos.

Dizem.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26

22

JOSÉ NEDEL

Formado em Letras Clássicas, Filosofia e Direito.
Mestre e Doutor em Filosofia. Juiz de Direito e
Professor. Autor de muitos artigos em jornais,
revistas, obras de autoria coletiva, bem como de
mais de uma dezena de livros.

Água & Vinho

Água & Vinho*

| JOSÉ NEDEL

Há no meu cálice mais água do que vinho,
Símbolo que é das coisas meramente humanas,
Boas e más, as racionais como as insanas,
Que eu aprontei ao longo de áspero caminho.

Andando em companhia de outros ou sozinho,
Por matas densas, ralos campos ou savanas,
Por altibaixos e também paisagens planas,
Sempre evitei pisar em cobra, cardo e espinho.

A água no cálice progride até o altar.
Bem misturada ao vinho, irá se consagrar
Em sacro rito a que me humildemente inclino.

Unidos, muito embora em partes desiguais,
Água e vinho são símbolos sacramentais
Da mística união do humano e do divino.

**Soneto classificado em primeiro lugar em poesia, premiado com troféu, no X Concurso de Contos, Crônicas, Poesias e Histórias do Inter realizado, em 2017, pela Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional/FECI e a Casa do Poeta Latino-Americano/CAPOLAT, de Porto Alegre.*



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



23

KARLA AVELINE

Rio-grandina, mãe de três filhos, vegetariana, amante da natureza, livros e música. Acredita que o amor é revolucionário e que, se cada um fizer a sua parte, o mundo ainda vai se tornar um bom lugar para se viver. Integra a magistratura gaúcha estadual faz 20 anos.

Central

| KARLA AVELINE

Já faz tempo o sol nascia quadrado. Nas roupas penduradas nas janelas, cheiro de morte, de abuso, de suor, de podridão de alma. Por trás das roupas, o sol esmaecido, a vida se esvaindo, o tempo escorrendo. Fazia séculos que dividia aquele pedaço de chão com outros companheiros. Muito tempo que sua mente não sentia mais.

Agora só vegetava, corpo inerte, cabeça sem pensamento.
Dia e noite, tudo sempre igual.

Lua se indo, deixando rastro de melancolia, ardor na alma, saudade ardida como sal na ferida.

Janela em cima de janela, vida ao lado de vida, porta gradeada. Tudo sempre igual.

Costela grudada na pele, fome de amor, gana de pão feito em casa. Tosse de cão a incomodar os outros, desculpa pro coice no pulmão preto e débil.

Visita da mãe, hora de penar por dentro. Pena da mãe, mão como uma pena a acarinhar o rosto magro e pedinte.

Todo o dia tudo sempre igual.

Trabalho forçado, hora do sossego, hora do abismo, trágico momento do acerto consigo mesmo. Quando o assobio sai sem querer e rasga a lei do silêncio, quando até os guardas têm medo. Quando a sombra passa de lado, fingindo não se ver.

Lista grande e pesada: areia, cimento, água e resignação.

Todo dia a mesma cantilena. Subir paredes, tijolo por tijolo. Com sol ou com chuva.

Naquela terça-feira, acendeu a lâmpada do pavilhão. Feita a luz, fez tudo diferente. Pegou a marreta e pôs tudo a perder. Fez da parede em nacos a sua libertação.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



24

LEILA TORELLY FRAGA

Pretora Aposentada e Psicóloga.

Eles

| LEILA TORELLY FRAGA

Tudo começou na infância.
Os primeiros que amei
Eram de pano

Lindos

Gostosos de tocar

Bem coloridos.

Página por página construíram

Dentro de mim

Uma fortaleza inquebrantável.

Acolhida pela luz do abajur da sala

Nas tardes chuvosas

Enroscada na colcha de retalhos

Com eles sonhei

Enfrentei monstros

Espantei os conflitos da adolescência.

Na adultez

Neles busquei entendimento e conforto

Hoje

Entre a envelhecimento e a morte

Eles

Meus grandes amores

Continuam a me acompanhar

E a desfiar

Sim

Até a última página.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



25

LEONARDO STÜRMER

Nascido em 1995 em Porto Alegre, é formado em Jornalismo pela Unisinos. Apaixonado por livros e escrita desde criança, escreve contos nas horas vagas.

Ou cale-se para sempre

Ou cale-se para sempre

| LEONARDO STÜRMER

A porta da igreja foi aberta num estrondo, enquanto ele se arrastava e gritava palavras sem sentido, fazendo com que todos se virassem para olhar. Seus olhos estavam avermelhados e inchados; sua voz, ofegante. As roupas eram inadequadas para o lugar: em meio aos ternos e vestidos, ele vestia uma camiseta de futebol e chinelos de dedo. Burburinhos ecoavam enquanto ele arrastava seus pés até o altar. Algumas pessoas se levantavam, assustadas, quando ele tateava o encosto dos bancos, se equilibrando.

O olhar do noivo era confuso. A noiva, entretanto, chorava sem parar. Sua cara e demorada maquiagem escorria pelo rosto. Quem primeiro teve uma atitude foram os padrinhos, numa tentativa inútil de arrastar o homem para fora. Quanto mais perto, mais o homem berrava. Berrava que a amava, que ela estava cometendo um erro grande, nunca seria feliz. A mãe da noiva se levanta para conversar com a filha, querendo explicações. “Meu casamento está arruinado” era tudo que ela conseguia soluçar.

“O que ele está falando?”, indagou a fulana de amarelo sentada mais à frente. “Deve ser o amante”, gargalhou o sicrano de bigode. Do altar, apenas os sons de choro. Até o padre havia calado a boca. Ele e os coroinhas seguravam terços numa tentativa de expulsar aquelas más energias. Era mais um casamento dando errado na mesma igreja. Na semana anterior, a noiva simplesmente não aparecera – preferiu viver com outra moça a manter laços com alguém que nem sabia se amava.

O homem de chinelos conseguiu se desvencilhar e correu até o altar, ajoelhando-se em cima da cauda do vestido da noiva, enquanto enxugava suas lágrimas no pano. “Nós éramos tão felizes, você sabe disso” sussurrava,

olhando para baixo. “Te pedi em casamento também, por que não comigo? Por que ele?”

O noivo então agarra o homem pelo colarinho e o levanta. Seus olhos estavam na mesma altura. “Não sei nem quem você é, mas se ela aceitou casar comigo, teve seus motivos” esbravejava, enquanto sentia um leve bafo de cachaça vindo da boca do outro.

Ao se soltar, o homem encarou a noiva nos olhos, apertando eles para focalizar melhor. Não estava tão bela quanto a alguns minutos atrás – todo aquele choro e soluços arruinaram o momento. Nesse momento ele se deu conta do que fazia, de que não deveria estar ali. “Desculpa, desculpa, desculpa”, seu olhar estava no chão e as palavras disparadas rápida e repetidamente. “Eu não deveria estar aqui mesmo. Eu... eu nem sei quem vocês são.” Ajoelhou-se no chão, pegou a mão da noiva e beijou, para então sair correndo dali. Não era naquele casamento que ele deveria estar.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



26

LEONEL PIRES OHLWEILER

Desembargador do TJRS.

O Casamento na Bossoroca

O Casamento na Bossoroca

| LEONEL PIRES OHLWEILER

Naquela tarde modorrenta, Aurélio soube que Bossoroca não é Verona. Advogado estabelecido em Porto Alegre sempre sonhou em viver na Itália, ao menos por alguns meses para aproveitar as cidades da região do Vêneto. Era rapaz de fino trato. Quem dera um dia poder casar pelas bandas de lá. Mas o futuro...

O jovem causídico não gostava muito do interior. Sentir cheiro de esterco de vaca, nem pensar, sempre dizia para os mais chegados. Eram anos oitenta e aquele mês de fevereiro foi especialmente tórrido em Porto Alegre. Mesmo que a contragosto, decidiu ir ao churrasco no Galpão Crioulo. A comemoração do escritório impunha certas obrigações sociais. As vozes do destino são inesperadas. Quando pôs os olhos em Teresa, de imediato encantou-se com aquela morena, seios fartos, cabelos levemente acastanhados e os olhos...

Olha, não sou de fazer bravata, mas como estava presente no churrasco, posso dizer: o advogado baixou a guarda! Está bem, todo mundo falava que Aurélio era lá meio fresco. Não era. Apenas digo que ele gostava de coisas boas e elegantes, ternos, gravatas e coisas chiques. Agora, Teresa era irresistível. Linda como flor de Tuna. Com aquele jeito de moça do interior, recém formada em Direito, era um habeas corpus ambulante! Teve tanto retoiço, passeios, viagens e beijos que deu no que deu.

Com jeito arisco, Aurélio pediu a moça em casamento! Já imaginava a festança, em um famoso clube da sociedade da Capital ou em Verona, imaginem, colegas de escritório, amigos de infância e a boa e velha cota de contatos comerciais.

-Aceito, mas só se for na Bossoroca!

Essa foi a feliz resposta, mas com dura condição imposta por Teresa. Moça do interior, família numerosa, não abriu mão dos festejos em sua terra natal.

O advogado, meio acabrunhado, pestanejou, pensou, pensou, mas a paião falou mais alto.

Apesar de morar em Porto Alegre, Teresa não esqueceu a infância que passou na região das Missões.

Eu fui um dos convidados e olha... Não tem como contar tudo que ocorreu.

Casório na Bossoroca naquela época já era um acontecimento! A cidade parou e até o trânsito de dois carros a cada hora sossegou. Restou para Aurélio fretar um ônibus, reservar o melhor hotel de duas estrelas que havia por aquelas bandas, mas só para parte dos convidados. Não couberam todos e os demais ficaram lá pelos lados de Santo Augusto mesmo. Teresa, com a ajuda da família, cuidou da equipe contratada. Os festejos seriam regados com muito vinho, cerveja e a melhor churrascada de todos os tempos que se ouviu falar na região. A noiva teve que ir um pouco antes, pois ganhou de presente da comunidade o direito de figurar no famoso Catálogo de Brotos da Bossoroca.

O pai de Teresa era fazendeiro, daqueles com a guaiaca recheada e de pouca instrução. Era um bom homem, sempre acompanhado de Toco, um cusco e fiel companheiro, em especial depois da morte de Dona Liloca, sua esposa. Não largava o velho, ficava grudado como nó de carrapicho.

No dia do casório, com aquele mormaço, Bossoroca parecia uma boca de fornalha. Os problemas começaram com as vestimentas. Na correria, o noivo esqueceu o terno na Capital, comprado especialmente, sob medida, com tecido de meia estação e tom de pastel.

Mas Gegê, fotógrafo e organizador da cerimônia, não deixou por menos.

-O vô Tonho tem ainda uma bombacha novinha, vai ficar uma beleza! Tai um velhinho teimoso e surdo. Dizem que quando Teresa apresentou Aurélio para o vô, ele deu gargalhadas. Achou engraçado alguém se chamar Tibério. Isso é nome de índio, dizia.

Casar na Bossoroca e com bombacha emprestada, tudo que Aurélio não imaginava. Teresa ficou animada quando viu a peça. Era uma belezura mesmo, toda enfeitada e novinha em folha.

-Vá lá, disse Aurélio e se pôs na bombacha. Ficou bem, apesar de meio apertada no rego, mas era só para a cerimônia. A camisa branquinha tiveram que comprar no Bolicho do Cleiton, do lado da Prefeitura, mais o lenço branco. Agora estava tudo macanudo. A churrascada era tanta que foi salgado com avião de agricultura. Bossoroca nunca viu tanta gente estranha por aquelas bandas.

Teresa estava radiante, mais linda que lua d'água. Chegou acompanhada do pai e Toco do lado. A música escolhida a dedo foi Pedido de Casamento.

Aurélio, ainda atrapalhado com bota, bombacha e lenço no pescoço, quase perdeu as argolas douradas no bolso largo que ia até a virilha, mas no final conseguiu ouvir o sim de Teresa.

O pirralho do salão paroquial saiu correndo, puxando as calças curtas, para avisar a turma do lado de fora:

-Ela disse sim, sim, agora! E choveu foguetório na frente da Igreja.

Nenhum dos convidados conhecia Gegê, que nos casamentos tinha a mania de tirar fotografias em uma cadeira de rodas. Dizia que assim a imagem deslizava melhor. Era louco das guampas! E o padre Libório, que dava sermão e declamava Jayme Caetano Braun em festas de casamento. Mas o fato, juro que é verdade, Gegê avoava aquele salão paroquial, e todos os convidados da capital impressionados. Até quando sucedeu o alvoroço.

Depois da fala do padre gaudério, o fotógrafo, meio atrapalhado pelo povo, não titubeou e levantou-se para tirar uma foto por outro ângulo.

Foi uma verdadeira comoção e espanto dos convidados: Oh....milagre! Depois do esclarecido, riram como gaita louca. No final, o lugar mais cantado da região missioneira era só baile.

É por isso que eu digo: definitivamente, Bossoroca não é Verona.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



27

LEONEL PIRES OHLWEILER

O Estagiário

O Estagiário

| LEONEL PIRES OHLWEILER

Os computadores de última geração chegaram naquela tarde no Centro Administrativo da Eficiência. Começava a nova era no país. Gestão renovada, procedimentos informatizados e a recente mentalidade vinda dos altos escalões de *new public management!* As palavras de ordem na administração: eficiência e impessoalidade.

O início foi difícil. A burocracia não se deixa digitalizar tão facilmente e o sistema de carimbos ainda vigia na repartição. Mais do que marcas apostas sobre documentos. O verdadeiro sentido de *ex libris* dominava os arquivos públicos.

Assim foi a curta vida funcional do estagiário Alonso. Neófito, contratado por meio do programa de inovação e capacitação, sem pestanejar colocou o carimbo “Findo” na capa do processo administrativo, um dos 3.500 que ainda não tinham sido digitalizados. A respiração excitada pelo primeiro despacho concorria com os ácaros da pilha sobre a mesa.

O Chefe do Setor, Rômulo Burocraticus chama o estagiário até a sala da Diretoria Administrativa. O local não era de fácil acesso. Só frequentavam os mais chegados ou altos dirigentes, dos altos negócios, das altas vantagens.

-Como isso aconteceu? Não era apenas uma pergunta, mas revelou completa indignação.

Alonso ficou perplexo e não soube bem como responder. A excitação cedeu espaço ao medo da arrogância superior. Inquestionável, absoluta.

-Ah?

-Meu jovem, você colocou “Findo” no 1503/1990! Olha o carimbo.

Ainda sem saber direito o que responder, fixou por alguns segundos o olhar espantado na mesa do Sr. Rômulo. Um móvel de madeira escura e pesada. A pilha de papéis também chamou a atenção. E o computador, ainda sem ser instalado, repousava sobre a tampa de vidro. Acima da cadeira espaldada, com olhar fixo, penetrante, o retrato da autoridade máxima.

-Mas é que o 1503/1990 terminou! Respondeu Alonso, com a voz trêmula.

-Não acredito, resmungou o Chefe da Repartição. Por acaso já passou os olhos sobre os nossos mapas de estatísticas? Existe uma média de tramitação. Já tens mais de uma semana aqui e não aprendeste. Temos mais cinco subchefias, quatro Subchefias Administrativas e uma Operacional, explicou com a voz irritada. A distância alimentada pelo retrato do jovem presidente, agora era ainda maior.

-Mas... O estagiário foi bruscamente interrompido pelo Chefe. Bem se vê que é de pouca experiência. A Administração tem lógica própria rapazinho. É preciso entender como as coisas funcionam.

Ao término da conversa, após a longa explicação do manual de rotinas administrativas, que inclusive foi o primeiro documento inteiramente digital da repartição, e que o Sr. Rômulo sabia na ponta da língua, mandou embora o estagiário.

-Está fora, contrato rescindido!

Alonso, ainda incrédulo, mas resignado, perguntou se poderia ao menos pegar suas coisas.

O Chefe da repartição ficou possesso com a pergunta.

-É brincadeira. Não entendeu nada mesmo. Já, pro seu lugar, por favor. Eu já lhe expliquei, temos cinco subchefias!

E a operacional? Imagina!



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



28

LÍVIA PETRY JAHN

Pós-Doutora em Literatura Portuguesa
pela UFRGS/ CAPES. Graduanda de
Direito do IPA/ Metodista.

Don peperonne y el tango

Don peperonne y el tango

| LÍVIA PETRY JAHN

A noite há muito ia avançada sobre Buenos Aires, e Don Peperonne tocava seu acordeón com um ímpeto nunca visto. Mirava o casal que bailava ao som do tango, ela e ele, jovens, enamorados, quem sabe? A flor vermelha no cabelo liso, preso, dela, o chapéu de feltro com uma tira cinza aveludada ao meio, cobrindo os cabelos com brilhantina, dele. Os dois, rosto a rosto, sentindo o arfar um do outro, pernas entrançadas, volteios e meneios, e zás! Estavam ali, juntos, colados de novo. O músico, de seus sessenta e muitos, quase beirando os setenta anos, fitava-os com o enternecimento de quem já viu o amor. E pensava: o que será dos dois daqui a dez, quinze, vinte anos? Era nessas horas que seus pensamentos voavam e seus dedos dedilhavam o acordeón com mais fúria. Seriam, cabelos grisalhos, ainda amantes? Seriam capazes de sustentar uma vida juntos? Os olhos do velho músico ficavam marejados quando se punha a fazer essas conjecturas. Don Peperonne era também compositor, e vinha compondo um tango inacabado há quase trinta anos.

Naquela noite, Don Peperonne decidiu por terminar sua obra. Começou a tocar seu tango num lamento melancólico, e lembrou as noites em que a mulher, sozinha, cuidara das crianças, uma delas com febre, enquanto ele saía para tocar nos cafés de Buenos Aires. A mulher sempre calada e submissa, sem dizer palavra, só resmungando pelos cantos da casa. Mirava-o com olhos de cachorro pidão quando chegava das noitadas, não dizia nada, punha os chinelinhos e ia ferver a água para o mate e o café.

A mulher fora uma jovem corista, alegre, conheceram-se assim, na noite portenha. Ele a pediu em casamento, e logo em seguida, proibiu-a de seguir dançando mesmo que ele fosse o músico da casa de tangos. A princípio Isa-

dora, a mulher, revoltou-se, mas a revolta durou apenas dois meses, pois em seguida ela engravidou dos gêmeos, e aí, tudo mudou de figura. De alegre, tornou-se calada, meditativa, preocupada mesmo, com a saúde dos bebês. Largou o Coro pela Casa, ajudou a arrumar o quarto das crianças, lavou, passou, cozinhou naquele tempo todo.

Don Peperonne parecia aprovar tais mudanças na vida da mulher, e parecia amá-la ainda mais. Juntos, ergueram o berço e as crianças vieram rosadas e saudáveis. Foi quando elas nasceram que Don Peperonne decidiu escrever sua peça original: o Tango. Não um tango qualquer, mas o Tango de sua Vida. Gardel jamais conhecera nada igual ao Tango de Don Peperonne! Era vibrante, sonoro, cheio de ritmos aparentemente dissonantes, mas que compunham, ao final, uma melodia complexa e única. Agora, diante do casal, aos quase setenta, tocava-o com ainda mais vitalidade do que naquela época. E enquanto dedilhava o acordeón, e as notas melancólicas surgiam, lembrava do dia em que fora à praia, ele e os gêmeos, dois meninos espertos e vivazes, sempre fazendo estripulias! Naquele dia o mar estava agitado, mas Don Peperonne não deu por isso. Viu apenas o biquíni vermelho, cavado, as nádegas da moça que passava, ficou ali, parado, pasmem diante de tanta beleza exposta e gratuita. Não viu os garotos entrarem no mar, nem a onda, nem os gritos. Ah, os gritos foram o que tiraram seu sossego! Mas não deu tempo, já outra onda veio e arrebatou a ambas as crianças. Quando Don Peperonne deu por si, o salva-vidas vinha trazendo os corpos, já sem vida para a beira-mar. Sim, ele havia tomado um uísque na beira da praia, sim, ele e os garotos pararam antes do banho para um sorvete e o pai pediu um uísque, depois uma vodka, e já tudo se embaralhava: a risada dos meninos, o sol, as águas. Como? Como não percebera as crianças? O perigo? A Onda? Don Peperonne lançou um uivo dorido, um NO! NO PUEDE SER! E vomitou na areia, e agarrou os filhos, já sem sopro, sem vida e gritou: MIS NIÑOS! E passou a mão pelos cabelos de ambos, e tentou soprar-lhes ar pela boca, ao que o salva-vidas veio e interrompeu, e disse compungido: eu já tentei. Sinto muito, senhor.

Com lágrimas, era que ele tocava seu tango. Com lágrimas porque não podia trazer os filhos de volta à vida. Porque Isadora não suportara tanta dor e frustração e desde então, desde o dia fatídico, entregara-se ao vinho, à vodka e aos tranqüilizantes. Foi assim, entre uma vodka e muitos comprimidos de Dormonid, que Isadora também ela, partiu. Don Peperonne chegou à mesma hora de sempre, pela madrugada. E encontrou a mulher na cama, olhos fechados, a caixa de remédios ao lado, vazia. E uma garrafa de Vodka pela metade. Sacudiu-a, tentou chamar os vizinhos, uma ambulância, por favor,

mas já era tarde. Não havia mais sopro nem pulso naquele corpo exangue de tanta dor.

Então, chorando copiosamente, Don Peperonne decidiu interromper seu Tango. E a obra ficara inacabada até a noite, em que beirando os setenta anos, viu o casal de namorados. Por alguma razão misteriosa, o casal vinha restituir-lhe a vida e a música. Naquela noite, Don Peperonne tocou o Tango até o final, sem mesmo ter terminado de compô-lo.

Por razões que a razão desconhece, intuitivamente ia tocando no acordeón e os sons iam saindo, compassados, melódicos, com uma intensidade nunca vista. O casal bailava cada vez com mais paixão, e Don Peperonne chegava às raízes da inspiração. Tudo nele pulsava, tudo nele rugia, tudo nele era música e compasso. Música e ritmo incessante. E quando deu seu último acorde, quando finalizou o Tango, suspirou um suspiro longo, de anos carregando luto, de anos carregando frustrações. O casal mal teve tempo de aplaudi-lo. O cachorro do estabelecimento veio lambê-lo os joelhos. E ali, frente o casal e o cachorro, tocou o peito, numa dor aguda. E a madrugada caiu sobre ele. Assim como Mozart, assim foi Don Peperonne e o Tango, até a última nota, até cair o pano. E como nada estava escrito, como não havia partitura para tanta emoção e música, Gardel jamais cantou o Tango de Don Peperonne.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



29

LÍVIA PETRY JAHN

O homem borboleta e a mulher morcego

O homem borboleta e a mulher morcego

| LÍVIA PETRY JAHN

Existe em Porto Alegre uma espécie de “Ritual de Verão”, ou seja, um ritual humano de acasalamento sem maiores conseqüências na vida prática dos habitantes da cidade. Falo aqui do “Namoro Borboleta” e da “Mulher Morcego”.

O “Namoro Borboleta” ocorre entre homens casados, cujas respectivas famílias e acompanhantes encontram-se na praia durante a semana de trabalho. Eles pairam sobre as calçadas da cidade em fogo, com o sol a requeimar os miolos, à busca de alguém, uma companhia para os dias intensos do verão porto-alegrense. Nada sério, diga-se de passagem. Que esposa e família são coisas sagradas, todo mundo já sabe, o “Homem Borboleta”, inclusive.

Já a “Mulher Morcego” detesta os raios e filtros solares, sai somente à noite, em busca de uma companhia e nada mais. Ela não nutre expectativa alguma sobre relacionamentos: se for por uma noite está bom. Se durar uma semana é perigoso. Se for o mês todo, ela arranja uma desculpa e pula fora. Seu lema é o mesmo do site OLX: “Desapega”! A Mulher Morcego, não raro é conhecida como boêmia, em geral a Torcida do Inter inteirinha sabe seu nome, e ela tampouco se importa com isso. Seu objetivo é propalado para amigas e amigos: “viver a vida intensamente. Aproveitar a vida.”

Em geral, o “Homem Borboleta” e a “Mulher Morcego” se encontram nos bares da cidade, depois do turno de trabalho de uns, e dos retoques na maquiagem de outras. Ambos desejam a mesma coisa: companhia e prazer sem compromissos. Ambos ruflam as asas, uns em busca dos outros, voejam pelos motéis da cidade, e depois se despedem satisfeitos.

O que ninguém conta, porque ninguém viu, é a cara dos dois quando, num dia distante do verão, se encontram no supermercado. Ele faz olho branco, não enxerga nada, nenhuma pessoa conhecida no raio de 100 m, ainda mais que a mulher o acompanha. A Morcegonia faz um muxoxo, reconhece o talzinho, de algum lugar distante, ela não sabe dizer qual, estava com muita ceva na cabeça no dia em que saíram....

Enfim, o que resta do acasalamento de verão? Isto: os comentários dele num churrasco privado com amigos homens, se gabando das conquistas do verão, e ela, dizendo pra amiga, que não sabe aproveitar a vida, o quanto o verão em Porto Alegre é sensual e cheio de gozo e prazeres. Ah, se os homens são competitivos entre si, as mulheres sabem como ninguém fazer inveja umas às outras.

Assim, que, Morcegonia é irredutível: pega a amiga de jeito, mostra praquela “moça de família” o quanto sua vida é insossa e monótona. A tal moça, que tem um único namorado, que pretende se casar até o final do ano, que estuda e trabalha com afinco, que tem pouco ou nenhum tempo para barzinhos, fica ali, impávida, ouvindo com um misto de desprezo e outro tanto de inveja, a frase que resume tudo: “Querida, você não sabe aproveitar a vida.” Por ser uma moça de família, não diz nada, não responde aos apelos da Morcegonia, mas sai do encontro num misto de dúvida e tristeza. E como diz a música espanhola, passa o verão pensando no Talvez, e ouvindo retumbar em seus ouvidos a melodia: “Quizás, Quizás, Quizás....”



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



30

LUÍS CLÓVIS MACHADO
DA ROCHA JÚNIOR

Mestre, Doutorando e Professor em Direito.
Juiz da Violência Doméstica, e não do Amor,
em Palmeira das Missões.

Causo da Penha:
é amor, não violência

Causo da Penha: é amor, não violência

| LUÍS CLÓVIS MACHADO DA ROCHA JÚNIOR

Numa cidade do Interior havia um moço apaixonado por demais. A ex o deixou, foi para a casa dos seus pais, depois de cinco anos e um filho.

Apaixonado, embriagado, após ter sido largado, o andarilho, debaixo de um frio de dois graus negativos, foi-se à casa dela: gritou pelo seu nome, chorou, derramou lágrimas na janela, e nada...

Já cansado, sem força, e sem ninguém lhe responder, adormeceu por querer, no cordão da calçada.

Disse a moça, na ocorrência, que ele, miserável, já melhor da bebida - mas não do coração - foi de novo xaropear a amada - não por maldade nem nada... no fundo, só lhe chamava a atenção.

Ela, porém, não lhe queria. À sua tenteada de retorno à relação, não cedia.

Pois não é que naquele noite fria na Comarca, ele, sem a querer deixar, dirigiu-se à residência e furtou-lhe, à luz do luar, um cobertor pela janela.

Coberto de coberta e de dor - a dor de amor - que nem o frio espanta - foi então dormir no porão da casa da percanta, que ficava aberto. E ali ficou, mas sem ameaçar, porque, decerto, a queria de volta...

E, ao relento, com frio, dormiu apaixonado e solito, de coração quente e amando, feito louco imaginando o que havia com ela vivido.

Lá, ele não viu a moça na noite nem de manhã, por agora. Ela, a ele, não lhe deu bola - ela só o viu, às nove “hora”, já no clarear da alvorada, quando o moço ainda ali dormia - no porão da mesma casa, que um dia, já fora da sua sogra.

Pois não é que ela chamou a mãe a irmã e a tia? E todas foram à delegacia.

Registraram ocorrência. Pediram “providença”.

E me veio tudo conclusivo, para tomar a decisão.

O caso, porém, amigos, não é de violência - de gênero nem nada.

É de amor, senhores! Que tirana malvada!

E para a amada não há frio ou geada - amor bandido, mafioso, malvado, pernicioso - que não agride ou violenta...

É amor, amigos, não violência, o que se cuida nestes autos...



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



31

LUIS FRANCISCO FRANCO

Juiz de Direito.

Queda livre

Queda livre

| LUIS FRANCISCO FRANCO

Não havia dormido muito bem na noite anterior, situação que já ocorria há alguns dias.

Levantara da cama, pois, resoluto – daquele dia não passaria, pensou com convicção.

Por duas outras vezes, desistira do intento, pensava na mulher, nos filhos. No entanto, a busca por algo que não encontrava o conduzia ao ato derradeiro.

Andava cansado da mesmice. Contava os dias de forma robotizada, não encontrava mais alegria nas coisas que, rotineiramente, fazia.

A vida vazia não lhe fazia mais sentido.

Com o olhar perdido, sem pensar muito nas consequências, pois isso já lhe tirara o foco por duas vezes, vestiu-se, foi à garagem, colocou a mochila, adredemente preparada, no carro e dirigiu-se ao local escolhido.

Já tinha estudado, à exaustão, todos os detalhes, não queria que ninguém soubesse, pois tentariam demovê-lo do ato e não suportava mais a angústia das desistências. O sofrimento intensificou-se.

Após meia hora, mecanicamente dirigindo, chegou ao local.

Um despenhadeiro com 750 metros de altura, verdadeiro paredão, localizado em uma chapada, vizinha à cidade em que morava.

Ali, estancaria, com certeza, todo o sofrimento vivido até então.

Resolvido, desceu do carro e colocou a mochila nas costas.

Com medo, havia deixado um bilhete escrito na mochila, despedindo-se da mulher e dos filhos, pedindo perdão pelo ato inconsequente.

Sabia que, passados trinta segundos, tudo seria diferente.

Posicionou-se à beira do abismo.

Olhou para o céu, sentindo o vento em seu rosto.

O dia era lindo.

Pássaros planavam a pouca distância do local em que se encontrava.

Sem muito pensar, fez o sinal da cruz, contraiu o corpo inteiro e lançou-se de peito aberto no espaço.

Um medo absurdo tomou conta do seu ser.

Queria desistir, voltar no tempo e retomar o rumo de sua vida, a qual, naqueles átimos de segundos, já não estava achando que era tão ruim.

Já era tarde, no entanto, o ato insano se consumara.

Voltou à razão e, em desespero, procurando acalmar-se, contou até dez, de forma ritmada.

Passada a contagem, meticulosamente estudada, puxou a corda e aguardou com sofreguidão intensa.

Foram centésimos de segundos que pareceram horas.

Ufa!!!

O paraquedas abriu, estancando a queda, modo abrupto.

Começou a planar suavemente.

A respiração voltou ao normal.

Uma euforia tomou conta de si.

A sensação de prazer foi ao êxtase.

Viu como a natureza mostrava-se exuberante.

No silêncio total, sentiu-se diminuto diante da imensidão vazia, mas aqui-lo lhe fez um bem como nunca tinha vivenciado.

Planou durante pouco mais de cinco minutos, que pareceram uma eternidade.

Queria que aquilo continuasse por mais tempo, mas o solo estava a seu encalço e, próximo a animais que pastavam em um campo aberto, deu o estaque com as cordas de direção, seguindo o que havia, em teoria, aprendido, e tocou o chão suavemente.

Sua vida nunca mais seria a mesma a partir daquele momento.

O vazio de sua existência, como num passe de mágica, viu-se preenchido.

A vida, enfim, ganhou novas cores.

Renovado, com um sorriso que não saía de seu rosto, embrulhou o para-quedas já pensando no próximo salto.

Em queda livre, sua vida encontrou, enfim, novo rumo.

É preciso que se diga, para que o leitor não crie juízo errado sobre o estado mental de nosso personagem, que, três anos antes dos fatos narrados, ele havia frequentado um curso de paraquedismo, inclusive simulara saltos em túnel de vento. Portanto, sabia a técnica a adotar para saltar.

A opção pelo “base jump” deveu-se ao singelo fato de que não suportava aviões, preferiu, em razão disso e após muito titubear, como visto, “saltar” do chão.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



32

LUIS FRANCISCO FRANCO

Sensações estranhas

Sensações estranhas

| LUIS FRANCISCO FRANCO

Hoje o dia está nublado, repleto de nuvens.
Igualzinho a meus pensamentos.
Acordei precisando ver o sol, mas as nuvens não deixaram.

Viver tem disso, às vezes as nuvens aparecem e demoram para ir embora.

Parece que o sol nunca vai aparecer (será que vai?).

Ir para as redes sociais ?

Não vale à pena, lá todo mundo está feliz, só tu vê nuvens...

Após mais de vinte anos dividindo a casa, primeiro, com a mulher e, depois, com os filhos, a solidão está fazendo perceber coisas existentes no ar que antes não percebia.

Meu pai, quando mudou-se para um sítio, disse que estava no paraíso, conseguia ouvir o giro da terra no próprio eixo. Só ele e Deus.

Eu sinto a terra girando em minha cabeça, ainda não me situei nessa nova situação.

Tenho o reencontro familiar somente aos fins de semana.

É bom e triste, porque, quando tenho que retornar, percebo que estou sozinho no mundo.

Todo mundo é uma ilha (será?).

Percebo que a solidão exige reconstruções internas, percepções que busquem em si o sentido do viver.

Descobri, agora mesmo, que escrever está me ajudando, mas difícil é ler o já escrito e perceber que a realidade não mudou.

As nuvens continuam lá, nada do sol aparecer.
Acho que terei que radicalizar.

Vou colocar meus tênis, um calção e dar uma corrida.

Quem sabe exigindo do físico a mente deixa de elucubrar o que nem sabe, mas que é perturbador.

A sorte está lançada.

Vou correr, fugir, em que pese o céu continuar lá em cima com suas nuvens carregadas.

Fui...

Os pensamentos parece que se reorganizam com a cadência dos passos.
A aceleração dos batimentos cardíacos exige mais oxigênio, fazendo com que o ato de respirar seja controlado.

O corpo exige, mas deixa a mente viajar, tornando as reações físicas mecanicistas.

Com o passar do tempo, sinto como que flutuar.

Terminada a jornada, já sob o efeito da noradrenalina, as sensações estranhas, aparentemente, são por mim dominadas.

Embaixo do chuveiro, deixo a água cair sobre meu corpo. Parece que tudo de ruim está indo ralo abaixo.

Visto-me e, já dentro do carro, estou refeito.

Olho para o céu, as nuvens continuam lá, mas já não me perturbam como antes.

Vejo um pedinte no semáforo, estado de bicho travestido de gente.

Mais adiante, o trânsito para, engarrafamento que faz meus pensamentos começarem a ficar nebulosos novamente.

No rádio, uma melodia fala do vento (“vento ventania, me leve com vocêê...”).

A vida é fugaz, assim como nossos pensamentos.

Dominar as sensações ou deixar que fluam?!?!

O barco, vez por outra, navega por águas conturbadas, mexidas, mas, logo à frente, vem a calmaria.

As tempestades parece que nunca acabarão no exato instante em que estão a ocorrer, mas, na verdade, elas nos ensinam que renascer, recriar-se, é fundamental para vencer as adversidades.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



33

LUIZ CORTE REAL

Magistrado aposentado. Bacharelado em Filosofia pela PUCRS. Ex-professor na faculdades de direito Ritter dos Reis e PUCRS. Diretor Administrativo da AJURIS na gestão Milton Martins. Autor e executor do Projeto da Ajuris "Conselhos de Conciliação e Arbitramento", antecessores dos Juizados Especiais.

Espelho Meu...

| LUIZ CORTE REAL

Meu fiel espelho, conhecemo-nos há tantos anos! E, no entanto, nunca trocamos uma palavra. Deveríamos ser parceiros, não é verdade? Mas não temos sido. Por que será que, estando tão próximos ficamos, até agora, tão distantes? O que nos está faltando? Nunca disseste nada para mim. Apenas me viste e ouviste silenciosamente. É certo que nunca tentei falar contigo. Até agora apenas via em ti minha imagem.

– Mas não seria tempo de nos conhecermos? Não apenas aquilo que nós vemos um no outro, mas aquilo que não aparece e que por isso suponho que ignores? Afinal, sempre estamos tão próximos!

– Lembras-te de mim quando criança? As caretas que fazia para vê-las em ti? Era divertido, não achas? Nunca me respondias, mas tu as mostravas em tua face. E trocávamos gostosas gargalhadas.

– Eu era aquele guri alegre, brincalhão, que ainda não havia me comprometido com a vida. Hoje, é verdade, estou mudado, mas ainda tenho um resquício da criança que gostava de se esconder de seus meus irmãos, de atirar água no gato preto que aparecia no quintal, de surrupiar as pitangas maduras da árvore do vizinho, de jogar bolitas na calçada e futebol no terreno baldio existente em frente à nossa casa. Tu, muitas vezes, participaste de minhas traquinagens. Tu também passaste, mais tarde, a ser um espectador de meus desconsolos, de minhas tristezas e indecisões, de meus momentos de rancor, de revolta, e de minha solidão. Mas retratavas, também, meus êxitos e alegrias. Igualmente testemunhaste as ocasiões importantes da minha vida. Estavas sempre presente quando eu vestia o melhor traje que possuía ou quando, diante de ti, arrumava a gravata colorida, preparando-me para um encontro importante. Eras quem aprovava meu terno novo, minha ca-

misa bem passada, minha gravata alinhada, quando eu te perguntava: – Estou bem? Nunca brigamos, nunca discutimos. Sempre concordaste comigo, mesmo quando eu estava errado. Apesar de tudo isso, por que apenas me olho em ti como se fosses um desconhecido?

– Será que, apesar de tudo isso, seja preciso apresentar-me a ti, explicar-te quem eu sou? Após tantos anos de convivência? Verdade é que tu nunca viste o que se passava longe de ti. Apenas me observavas quando estava eu na tua frente. Isso não seria, entretanto, suficiente para que conhecesses tudo o que eu era e o que eu sou?

– Descubro, surpreso, que, na realidade, me conheceste muito bem. Observaste-me durante todo o tempo. E isso tu soubeste fazer, no teu silêncio. Além do que, sendo tu uma cópia minha, seria suficiente que te voltasses para ti mesmo para me descobrir. Assim nada resta que eu te possa dizer. Tu me conheces melhor do que eu.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



34

MAFALDA DOS SANTOS

Publicou quatro livros de poemas, lançando-os na Feira do Livro de Porto Alegre e Novo Hamburgo, bem como no Hotel Serrano, em Gramado. Colaboradora, há alguns anos, do Caderno de literatura da AJURIS.

Esfinge

| MAFALDA DOS SANTOS

As vezes és ternura e encanto
Sendo o ser mais delicado
Em outros momentos
Provoca-nos pranto
Deixando nossa alma equivocada
És Eros, aquele que excita
E também um anjo que acalma
Vestido de Capeta nos agita
Fazendo-nos interpretar
E batermos palmas
Tens o poder de ser
Feio e bonito
Dando-nos tristeza e alegria
Pois contigo se descobre
Duas faces de existência
– A simples e a nobre –
A consciência e a inconsciência
Saber-te existir é uma sorte
Pois nos faz sentir o gosto
– E o desgosto –
Dos seres que são livres
De sugar tanto a vida
Como se embebedar na morte...



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



35

MAFALDA DOS SANTOS

Ressurreição

Ressurreição

| MAFALDA DOS SANTOS

Já não sabia
Que existia o sol
A gargalhada solta
Envolta apenas pela liberdade
De gargalhar, de sorrir
Não sabia que a alegria
Anda por aí acesa
Em qualquer lugar
– Eu é que a deixava presa –
Não mais cuidava
O pássaro na rua
Nem mais me importava
Com a saudade
A verdadeira – a nua
Já não sabia da necessidade
De esquecer...
E por não saber de tudo isso
Eu já andava morrendo
Sem eu perceber



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26

36

MAGDA LUCIA
MAGALHÃES BONFIGLIO

Natural de Quaraí, nascida em 26/02/1947. Guardo no corpo, na pele, nos fios de cabelos brancos um passado bem vivido. Corri muito atrás dos sonhos, soube perder para depois ganhar. Até que resolvi sair para buscar meu lugar nesse círculo que se chama vida. Sou como diamante, a vida aos poucos me lapidou, e hoje eu sou exatamente, como ela me fez!

Quem é você?

| MAGDA LUCIA MAGALHÃES BONFIGLIO

Quem é você?
Que de mansinho
Foi chegando
Invadindo minha vida.

Quem é você?
Com olhar tão penetrante
Que nem pediu licença
E do meu ser foi tomando conta.

Quem é você?
Um cavalheiro errante,
Um homem fascinante,
Ou um amante?

Quem é você?
Que vai chegando,
E de uma poetisa,
Quer se tornar amante.

Quem é você?
Criatura fascinante
Que fez tão carinhosamente
Tornar-me tua amante.

Quem é você?
Um raio luminoso,
Ou apenas um vaga-lume
A piscar, piscar por alguns instantes.

Quem é você?
Paixão, sonho, amor, poesia ou loucura,
Ou um astro luminoso,
Que fez de mim uma estrela amante
No teu vasto firmamento.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



37

MARIO ROMANO MAGGIONI

Juiz de Direito, Farroupilha - RS

Por que não hoje?

Por que não hoje?

| MARIO ROMANO MAGGIONI

Quarta-feira. Cheguei ao fórum preparado para um dia cansativo de trabalho e audiências. À noite, iria falar de adoção no Vale dos Sinos. Estava focado.

Mas, então, a Elisângela deixou sobre a minha mesa uma folha com um despacho. A decisão, em poucos parágrafos, dizia que a criança estava apta a ser adotada. Eu planejava, no dia anterior, fazer o encaminhamento para adoção na sexta-feira.

Olhei de novo a folha. “Sexta-feira!”, pensei. Olhei. “Por que não hoje? Bastam alguns minutos.” Não resisti. Sexta-feira era tarde demais. Por que esperar a sexta, se a quarta pode deixar o amor surpreender?

Analisei a lista de habilitados. Liguei para os primeiros. Uma moça me atendeu. Era do local de trabalho.

- Bom-dia! Posso conversar com fulana de tal?

- Ela está numa ligação. Já passo para ela.

- Eu aguardo ...

Esperei alguns segundos.

- Bom dia!

- Bom-dia! Meu nome é Mario. Sou juiz da infância e da juventude...

No outro lado se fez o silêncio. Foram segundos de ausência de voz. Quando percebi que a palavra era feto, expliquei o caso. Falei que a criança fizera um ano havia algumas semanas.

- Então, podemos fazer aniversário de um ano?

- Podem sim.

Estas falas impensadas são um anúncio das primeiras fraldas, das mameiras e dos bicos. Disse que eles poderiam ir à Casa Lar conhecer a criança e que, no dia seguinte, eu conversaria pessoalmente com eles.

No dia seguinte, a mulher me contou que baixou o telefone, olhou para as pessoas ao seu redor e disse:

- Sou mamãe! - E desandou a chorar.

Aqui, com meus amanheceres, eu me pergunto: por que deixar o choro para sexta, se a quarta é propícia? Que diferença faz um dia a mais ou a menos?

Logo em seguida à ligação - contou-me o casal -, foram à Casa Lar. Amaram tudo, o cabelo, o olho, o nariz, o nome, linda. Difícil foi voltar para casa sem o bebê. O dia eternizou. Nunca algumas horas demoraram tanto. Passaram a noite inteira nessa função de pensar como seriam os primeiros passos.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



38

MAURÍCIO DA ROSA ÁVILA

Juiz de Direito.

Nosso Tempo

| MAURÍCIO DA ROSA ÁVILA

Tudo é deserto.
Deserto sem sol.
Só areia.
Céu opaco.

Não há escuro.
Nem estrelas,
Nem relógios de Dali.
Só deserto mesmo.
O nada.
Um nada de areia e céu.

Nosso tempo.
Tudo é morto.
Matamos.
E não foi Deus que matamos.
Foi mais grave.
Assassínio do sentido.
Pouco importa se Deus existe ou não.

Existindo, já não sabemos sabê-lo.
Não há tato para o calor disso
Nem olhos para a luz que houvesse.
Inexistindo, não há quem lhe ocupe o lugar.
Ídolos secos pela descrença.
Apneia de existir.

Todos sozinhos sofrendo
O mesmo sofrimento,
Sem saber um do outro.
O amor foi banido.
Toma tempo demais: demora.
Pressa: para nada.
Virtude! Que virtude?
Perdemos o sentido.
Somos fracos para bondade.
Incompetentes para a malícia.
Vivemos a utilidade.

Não é possível ser só meu
Esse desespero que o rosto não fala.
A tempestade que segue na alma.
A raiva por entre os dentes.
O sufocamento da vida.

Ninguém fala
Da ferida aberta que sangra,
Escondendo-a entre os farrapos
Dos sorrisos de medo.

Sinto falta de mim.
Já não me encontro nos olhos alheios.
Contaram-me uma mentira,

E dela acabei me esquecendo.
Já não sei buscar a verdade.
Ficou a mágoa sem nome
Gravada dentro do peito.

Tudo me é desimportante,
Como tudo é desimportante para todos.
Rio das convenções.
Não disfarço a descompostura:
Nunca estou onde me querem.
Represento a personagem
que a tranquilidade alheia espera de mim
E todos acreditam e ficam satisfeitos.
Eu rio...

Como evitar o riso,
Se na alma não sou nada do que veem,
e mesmo assim seguem acreditando.
E quantos mentem para mim e eu também acredito.
E quantos mentem para outros que também acreditam,
De modo que o teatro se arma
Sem que a alma tenha nada com isso.

Poço escuro
De onde já se tirou água
Em tempos que não havia sede.
Bocas secas para os beijos esquecidos.
Braços indolentes para abraços.

Meu erro é não acreditar no mundo que inventaram por aqui.
Deveria... Sei que deveria.
Imperioso é acreditar.
Mas não consigo.
É tudo muito ridículo. Não convence.
Vou saboreando a existência
Como quem tivesse fome
Ao pé de uma taberna fechada.

Escrevo um manifesto
Para os tempos do futuro,
De modo que lendo-o
Possam dizer:
Vejam, naquele tempo viveu um tolo,
Como há tolos em todos os tempos.
Ou, quem sabe, para que creiam,
No caso de eu estar certo,
Que a loucura, por um século,
Travestiu-se de sanidade.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



39

MIGUEL ANTONIO JUCHEM

Magistrado aposentado (RGS) – Advogado –
Psicoterapeuta Reencarnacionista.

Pássaros

| MIGUEL ANTONIO JUCHEM

- A passar em seu passear no ar
- A encantar em seu cantar
- A leve estar em seu levitar
- A enfeitar o olhar com seu bailar
- A ensinar com seu suave andar
- A ninhar para se aninhar no seu morar
- A misteriar com seu mistério no olhar
- A pousar num empoleirar para a noite esperar chegar
- A maravilhar com seu cantar, no piar e no trinar
- A poetizar ao pincelar os céus com seu plumar desde o dia raiar
- A ziguezaguear em seu passarinhar
- A minhocar seu manjar
- A migrar para seu alimentar

- A atentar em atento espreitar
- A exercitar, de permeio, variado voleio
- A polinizar o floral para o floral perpetuar
- A desengaiolar o aprisionado pensar de a eles enjaular
- Aquele que pensar em pássaros engaiolar, primeiro pensar em como se sentiria se uma jaula fosse seu lar
- AVE AVES!



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



40

MIGUEL ANTONIO JUCHEM

Tika (amor canino)

Tika (amor canino)

| MIGUEL ANTONIO JUCHEM

Tika

Quem diria

Que um belo dia

A esta Terra tu virias

E em Montenegro aparecerias

E lá prá casa tu irias

E quando ainda nem bem te conhecia

Os meus braços tu abririas

E eu te acolheria

Agora lembro, linha por linha, o jeito que a Tikinha tinha:

- Olhos esbugalhados, parecendo maquiados

- A boca em tom de batom

- Focinho bicudinho
- Nas plantinhas das patinhas, as “borrachinhas”
- Orelhas nada pequenas, em pé, como antenas
- Pernas e braços fininhos, como gravetinhos
- Ao olhar-se de trás o seu caminhar, do jeito que ia, parecia que carecia de geometria
- Era um pouco feinha, mas tinha mais de bonitinha
- Só reagia com veemente latida quando pensava ser agredida
- No celular não falou, mas escutou
- Minhas mãos lambia como se lambe uma cria
- Lembro o seu posar para fotografar
- E o latir de advertir
- E o rabo abanar para o alegrar
- E seu soninho e seu ronquinho
- E do seu noturno passinho
- E do seu cobertorzinho, onde enfiava também o focinho
- E do seu latido nada contido, de espantar bandido
- Nos cafés, sempre a meus pés
- No almoço e no jantar, sempre a me provocar para lhe dar parte do meu manjar
- Comigo dançou, conversou e música escutou

- E em meu colo muito soninho tirou
- Não se fazia de rogada, gostava também de uma fofa almofada
- Adorava um sol rachando, para nele ficar se banhando
- Do banho de água, muito não gostava, mas tomava
- Na praia disparavam as gaivotas como idiotas. Não sabiam que a Tika que ria só se divertir e não agredir
- Com os quero-queros era o mesmo lero. Aqui o maior cenário foi o Parque Centenário.
- Nunca se amedrontou com trovão nem com rojão
- Era só convidar para passear p'rá ela se alvoroçar
- Gostava de uma carninha. De gado ou galinha
- Também de uma sopinha
- Quando em mim concentrava era só pedir que ela só com um olho me piscava
- Quando bem agradecida, dava uma lambida
- Seu namoro de um segundo foi fecundo. Trouxe dois ao mundo
- Invocação a vista: ciclista, surfista, skatista
- Também não tinha muito agrado por quem fardado
- Família reunida, a Tika lá estava, senão a equipe desfalcava
- Agora vai pular e rodopiar no carnaval do astral, com outro visual, mais natural, sem a fantasia carnal

- Sua foto continuará na minha carteira, sua vida na minha vida inteira

- Tika, só me explica, por que uma cachorrinha aprende depressinha que xixi e cocô é na caixinha e nós humanos de uma vida precisamos para entrar na linha?



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



41

MIRELA RAMOS DE OLIVEIRA

Diplomada em Letras.
Pós-graduação em História da Arte.
Mestranda em História.

Afinal, onde fica o
Brasil? Em Plutão?

Afinal, onde fica o Brasil? Em Plutão?

| MIRELA RAMOS DE OLIVEIRA

Certa vez na Malásia, a professora da escola britânica, onde estudava o filho menor, perguntou quem era americano. O menino, como brasileiro, prontamente levantou a mão. A professora secamente disse que ele não era americano. A classe dividia-se, então, em continentes. Os norte-americanos e canadenses: América. Ingleses, suíços, alemães e holandeses: Europa. Australianos: Oceania. Malaaios, chineses, filipinos e coreanos: Ásia. E o menino, sem pátria, esperando a sua vez. Espasmos na barriga.

Depois dos grupos definidos, a professora se lembrou do menino da Faixa de Gaza. Você não é americano, é sul-a-me-ri-ca-no, enfatizou a professora separando as sílabas. E como é o único, faz o trabalho sozinho.

O menino voltou pra casa chorando. A mãe enlouqueceu. No dia seguinte cedinho se dirigiu à escola. Pôs um vestido colorido Versace, mudou de ideia, teve medo que a professora confundisse com uma roupa indígena. Decidiu-se por um pretinho clássico, um colar de pérolas e sapatos bem altos pretos de verniz, aqueles que aposentara no dia em que se desequilibrara e rolara escada baixo no Teatro Municipal. Mas queria olhar a professora de cima.

O filho disse que a mãe parecia uma viúva, toda de preto. Só se for do Colombo, que deve estar dando voltas no túmulo.

Chegou à escola pisando forte. Não conhecia a expressão “pisar nos ovos”. Claro que isso foi só no corredor, porque nas escadas diminuía a força dos passos. Firme no corrimão e na mão do filho.

Foi entrando na sala de aula sem pedir licença. Já foi dizendo que sempre soube que havia cinco continentes: Ásia, Europa, América, África e Oceania. Um dia soubera pelos filhos que havia um sexto: Antártica. Ninguém lhe participara. Assim como um belo dia se acordou e havia um planeta a menos no céu. Reunião na ONU: “Hoje, na absoluta falta do que fazer e para justificar nossos salários, vamos mudar algo no mundo. Quem vota por diminuir um planeta levanta a mão”. Qual foi o planeta mesmo? Ah, Plutão. Porra! Só podia ser! Preconceito! Só porque era o deus do submundo. Mas naquela hora o que menos lhe importava era o destino do novo planeta-anão.

Se meu filho não é americano o que ele é? De Plutão? Não, ele é sul-americano. Da América do Sul. Pronto, acabara-se de criar o sétimo continente.

Nesse iluminado instante, a mãe lembrou-se que a professora era sul-africana. Meu filho nasceu na América, continente descoberto por Cristóvão Colombo, logo meu filho é americano. Assim como a senhora é africana. Rapidamente, parecendo ter escutado um absurdo, respondeu que não era africana, mas sim sul-africana. E o oitavo continente acabara de nascer.

Puxou o filho plutoniano e saiu da sala deixando a professora falando sozinha. O menino assim mesmo queria ficar em aula, mas a mãe, enlouquecida de raiva, precisava de um apoio para descer as escadas, além do corrimão. Na porta da escola, pensou em voltar para mandar a professora para Plutão, mas desistiu por causa dos três andares de escada.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



42

MÔNICA BECKER DAHLEM

Publicitária e Jornalista. Tem dois livros
publicados e um premiado pelo IEL
(Instituto Estadual do Livro).

Passarinho

Passarinho

| MÔNICA BECKER DAHLEM

Ele estava perdido no nada de uma calçada.

Meus dedos nos dedinhos frágeis de quem prefere asas.

Fechou os olhos ao sol.

Descansou.

Voou.

Me salvaste, diminuto, ou fui eu quem te salvou?



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



43

MÔNICA BECKER DAHLEM

Nós

| MÔNICA BECKER DAHLEM

Sou marola e tu és onda feroz que quebra, manchando a areia de espuma branca e algas.

Enquanto minhas pequenas asas me levam às pétalas que deixam no ar o seu cheiro, teu corpo imenso de ave rasga os céus e perscruta do alto a vida que se movimenta lenta ou rápida.

Sou animal arredio que se esconde nas sombras e espera a noite para se banhar de luar e respirar as estrelas.

Tu és fera de dentes pontudos que crava as unhas na terra banhada do sol que escalda.

Sou amor que transborda no silêncio das palavras e encontra na tua fala solta a paixão que me falta.

Somos peças da mesma cor e textura, no mesmo jogo de partidas, idas, vindas, vitórias e derrotas, nesse tabuleiro de lados que teimam em não se encaixar.

Mas um dia, um dia que não tardará a chegar, serei parte do teu oceano, seja a vida que nele brota, sejam as gotas de que ele se forma, seja o sal do teu mar.

Então.

Nós.

Poderemos, finalmente, amar.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26

44

NEI PIRES MITIDIERO

Juiz de Direito aposentado. Advogado. Autor de Comentários ao Código de Trânsito Brasileiro (2ª edição, Forense, 2005), "Crimes de trânsito e crimes de circulação extratrânsito" - comentários à parte penal do CTB (Saraiva, 2015) e "Os outros que miram as ruínas" (contos do Alumiar).

Terceira-Lua

| NEI PIRES MITIDIERO

Ele ficara sozinho na chácara.

Lá estava ele, Ariovaldo, no casarão de pedra grés *assim*, assim puxando a cor da areia ocre de rio, erguido na grande colina verde, ao sopé do morro da Costa do Arroio Miraguaia.

Era apazível o Casarão. E bonito. O pai dele, Domício, ao construí-lo, havia contraposto o tom ocre-areia da estrutura de pedra do prédio à cor vermelho-escura das janelas e portas e, ainda, ao branco-cal dos contornos dessas aberturas.

Nele, no piso térreo, havia a grande e larga porta central e, de cada lado desta, duas grandes janelas, tudo em vermelho-escuro. No piso superior, três sacadas frontais – a do meio, mais ampla – se voltavam para a vila Palmeira e, nos parapeitos delas, entremeadas por frestas, sobressaíam lâminas de tábuas de madeira vermelho-escuras, cujas extremidades se alojavam e se sustentavam em moirões de pedra grés rosada. O telhado era o tradicional, de telhas de barro francesas.

Dali, a oeste, para as bandas da incipiente Glorinha dos Grotões se enfileiravam outras sete colinas, que, em suave declive, levavam à bucólica vila Palmeira. Ao leste, para o lado do litoral, entre a serra do Mar e a lagoa dos Barros, espalhava-se a açoriana Santo Antônio da Patrulha.

Nesta, lá no alto estava a *Cidade Alta*. A *Cidade Velha* das ruelas estreitas calçadas pelos escravos com pedras regulares. A Cidade dos prédios públicos históricos, onde, frente à antiga praça de bancos de madeira carcomi-

dos pelas intempéries, ainda estavam os escombros de suntuosa biblioteca, guarneçada, a cada ponta frontal, por duas guaritas, as quais, feito torres guardiãs, sobrelevavam-se ao que restava do vetusto telhado colonial. A Cidade Antiga da avenida central, onde, de ambos os lados, do começo ao fim, despontavam as *telhas-canaís* do casario baixo. Lá, remanescia redivivo o Brasil-Colônia, e por lá, por certo, os sofridos fantasmas dos escravos ainda perambulavam. E, lá no baixio, refundia-se a *Cidade Baixa*. Lá estava o antigo bairro das Laranjeiras, e por lá ainda corria o riacho do mesmo nome. Lá estava o casario antigo misturado ao novo, a rodoviária velha, a sempre concorrida pastelaria desta, o hotel Boas-Vindas, o restaurante dos procurados sonhos de Santo Antônio. Aquela era, ainda, a alegre, festejada e, mais do que tudo, a saborosa passagem para as praias do Litoral-Norte.

Sim, ele, Ariovaldo, tivera que ficar na Casa Grande.

Todos haviam ido embora para bem longe. O pai, a mãe, as seis restantes irmãs. Eram sete. Selene, a mais velha dentre as meninas, de repente sumira.

Assim, do nada, ela havia desaparecido. Estranho e inexplicável desaparecimento. Na vila Palmeira não se falava coisa com coisa. Alguns diziam que ela havia fugido com o namorado, com o tal português Joaquim, vendedor de livros que costumava passar pelo lugarejo. Outros, que fora picada por cobra venenosa e fora levada ao hospital de Osório, dela não se mais ouvindo falar. Outros mais, diziam que misterioso animal – surgido das grotas mais profundas da serra do Mar – a atacara e devorara.

Ah, e tinha gente que desconfiava do Júpiter, um certo camponês atarracado do morro da Borússia. Ali de Osório, município vizinho de Santo Antônio. E era mesmo de desconfiar do tipo. Pois quando ela, Selene, andava pelas ruas e ruelas da vila, ele não saía de lá. Ficava sentado ao redor de mesa de rua da cantina do Lazzarini. Seguia-a com o olhar. Com olhos cobiçosos. E isso não era segredo pra ninguém. – *E, sem mais nem menos, com o sumiço dela, ele também sumia* – Lazzarini, Panizzi e Marquinhos, no balcão do estabelecimento, conversavam, e desconfiavam dele. – *É... bem que ele pode ter algo a ver com o desaparecimento da moça!* – intrigavam-se.

O certo, mesmo, era que, abalada pelo sumiço da filha, pelo sem-saber-dela, a família Oliveira havia abandonado o lugar. Partira para longe, para outras plagas. Tinha sido o desespero, o desgosto, a doída lembrança da menina – que, a cada canto da chácara, voltava – que a levava para bem longe

dali. Ou, quem sabe, a esperança em inesperado reencontro. Pelo menos, era o que se imaginava lá na Palmeira.

A verdade, porém, era outra.

Domício, o pai, sabia-a terrível. Era *maldição!* A *maldição da vila Palmeira*, que, até os dias presentes, faz com que, em certas noites enluradas, os velhos moradores não saiam às ruas, às vielas e becos do lugarejo. Por isso, por causa dessa maldição, que nem os *tempos* abominavam e nem os ventos varriam, perdera-se mundo afora. – *Não. Não havia como detê-la... ele não podia... também ele era mais uma das vítimas do Infortúnio!* – desesperava-se o pobre homem.

Só Ariovaldo havia ficado na quinta. Domício havia insistido. Ele tinha que ficar. Era o filho homem... e ele gostava do trabalho na roça... afirmara o pai. Fora convencido.

Trabalhador, ele era mesmo! – *Vive para trabalhar*, comentavam os lavradores e posseiros da volta. Por vezes, viam-no – nas mãos, levava ramalhetes de flores – indo lá para o fundão da chácara. Ia até à gruta. À Gruta de Selene. Desde que ela desaparecera, o pai havia fixado na rocha o quadro com a fotografia dela. Era a gruta dela. Das saudades dela. Ele rezava pela irmã desaparecida.

Agora, da sacada, ele avistava, no lusco-fusco, as primeiras luzes dos postes e das casas da vila Palmeira. Mais distante, iluminava-se o antigo povoado do Passo Grande, ou da Rua da Glória, velha passagem dos tropeiros e carreteiros, atual Glorinha.

O crepúsculo assaltava Palmeira, cobria-a de sombras. Da ampla sacada da Casa Grande, os olhos de Ariovaldo percorriam as sete colinas, os morros, os – por vezes ocultos e insondáveis – caminhos do sertão. Detinham-se mais e mais – *que inexplicável atração era aquela?...* reperguntava-se – nas ruelas e becos da vila. Naquela quietude toda, tomado de melancolia, ele se lembrava das histórias contadas pelos velhos nativos do lugar. Da lenda do luar amaldiçoado... da passagem do vulto da *Criatura da Noite* esgueirando-se pelas sombras das noites do vilarejo.

Ensimesmava-se. – *Será que era lenda, mesmo!*

-- *Aquelas reses, ovelhas... aqueles porcos, cães, gatos... aqueles animaizinhos silvestres, aqueles bichos todos... aquela gente toda... todos mordidos, es-*

traçalhados, todos mortos! – Aquilo era coisa do Diabo!

– Era do Diabo. Mas, que diabo era esse!? – indagava-se.

Desassossegava-se. Perturbavam-no alguns incertos acontecimentos. Alarmavam-no. E passavam a atormentá-lo. – *Aquelas vestes todas... rasgadas... soltas e espalhadas no chão... naqueles indevassáveis amanheceres!*

– Que diabo era aquele!?

A noite chegava. Afligia-se.

O *Passado* relampejava. Ele, de novo, revê a família indo embora... a caminhada ao longe... o horizonte perdido. Lembra-se da família *despedaçada*. *Perdida pelos Confins do Mundo*.

Era lúgubre aquele anoitecer. O luar do plenilúnio da vila Palmeira tomava a sacada.

E os uivos soavam poderosos por sobre as colinas. Invadiam a noite. E os olhos negros, ferozes e furiosos da enorme *Criatura Negra* e peluda qual fantástico cão cintilavam na enlutarada noite da vila Palmeira. O *Bicho-Homem* corria sobre a relva verde das colinas. Parava. Punha-se de pé. Espreitava... e atacava, mordida, dilacerava indefesa rês. Abatia e estraçalhava incauto camponês. O sangue, mais uma vez, jorrava nos campos e estradas do vilarejo.

Amanhecia.

Amanhecido, misteriosamente pálido e cansado, Ariovaldo orava junto à Gruta de Selene. Suplicava pela volta dela. E eis que, vinda de trás dele, terna mão o afaga no ombro. – *Foi você, filho!*

– Eu vi tudo, meu filho! O luar do plenilúnio o envolvia e você se transformava. Enrijecia-se todo. As roupas rebentavam-se, e caíam ao chão. Os cabelos se transmutavam em longos e negros pelos, e cresciam por todo o corpo. Cada vez mais e mais crescidos. As orelhas eram peludas, grandes e pontiagudas! As unhas, temíveis garras. As presas eram de desconunal cão. Era a Criatura da Noite da vila Palmeira que estava ali.

– E, ao avistar a linda Selene se aproximando da Casa, você – aquela fantástica criatura, meio homem-meio cão – salta da sacada e, lá embaixo, corre

em direção a ela, morde-a, devora-a em pedaços, bebe o seu sangue e a deixa lá – o que sobrou dela – despedaçada. Juntei-a e a enterrei lá nos fundos. Sob a gruta.

– *É o teu Destino, filho, dizia-lhe Domício ao partir.*

Desolado, Ariovaldo está novamente na ampla sacada do Casarão. A terceira-lua, cheia de luz, o invade. A *Criatura da Noite* está de volta! Ela está ali. E uiva para o plenilúnio, mas desta vez é o uivo lamurioso que atravessa o sertão. E, então, acontece.

Lá em cima, no *Espaço Cósmico*, ela enxerga os selenitas esgueirando-se pelas escarpas rochosas das montanhas da Terceira-Lua, metade homens-metade cães. E, de lá, desce resplandecente facho luminoso, que a envolve e a aspira para sempre para o seu verdadeiro lar.

Para a Terceira-Lua.

Ariovaldo está lá, junto ao seu povo. Aos selenitas. É mais um deles. O corpanzil medonho se junta aos de sua linhagem. E, percorrendo as escarpas rochosas, ele e os demais observam a pequenina vila Palmeira. Vascu-lham-na. Até que, no sopro da onda cósmica que vem da Terra, da Vila, ouvem o choro do nascituro, do oitavo filho, do único filho homem do casal com sete filhas mulheres. Alvorçam-se. Erguem os braços. Os olhos reluzentes disparam faíscas luzentes, e o brilhante facho lunar desce, desce e encobre o menino.

Encobre o mais novo selenita.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



45

NEI PIRES MITIDIERO

Voando da torre

Voando da torre

| NEI PIRES MITIDIERO

João Biguá puxava o féretro do irmão mais velho.

O cortejo avançava pelo estreito corredor do Campo Santo de Jaguarão e, lá do galho florido de roxo do jacarandá, o extraordinário casal negro aprestava o olhar. Eles não perdiam de vista a despedida do pescador. Estavam lá na hora do acontecido. Ele na popa e ela na proa da embarcação. Haviam-no visto cair do barco e morrer no poço fundo do rio de todos eles.

Quando a laje desce, eles voam. Há uma inadiável e longa viagem a fazer. Uma promessa a ser paga. Um reencontro... no pico mais alto da cadeia de montanhas da Hulha Negra.

Sobem para a nascente do rio.

Para o lugar onde nasceram e onde, no raiar da vida, asas recém abrimos, eles se assustavam com o finado Hélio, que os mirava e se aproximava de ambos os ninhos. Aquele estranho iria fazer-lhes mal?! Não. Ele se encantava com a penugem sedosa e negra, com os olhos espertos e com o descomunal porte, nunca visto nas crias daquela espécie. Dava-lhes calor e proteção, o abrigo sob a lona do velho jipe verde e, o de mais valia, dedicava-lhes o cuidado terno do solitário pescador daquelas inóspitas e mágicas paragens da serra da Santa Tecla.

Eles lembravam bem. Como iriam esquecer-se daquele dia! E do susto e do encantamento do finado quando, descendo a serra, pelo espelho retrovisor ele via apagada na estrada de chão a enorme e assombrosa sombra que se aproximava e, em instantes, cobria o jipe.

Era o Cormorão Grande, o... Biguá-Rei, o... Mergulhão Grande, o... lendário Pata d'Água daqueles confins. Ele planava. E perscrutava o interior do veículo e, lá dentro, o casal negro se alvoroçava, abria e mexia as asas. Logo o magnífico Pássaro Negro batia as portentosas asas e se despedia. Voava para o pico mais alto da serra da Santa Tecla. Ele sabia de tudo.

E o jipe seguira para a Jaguarão do Morro da Pólvora. Para o Castelo do Jaguarão, morada do pescador. Para o Casarão da Torre de pedras basálticas, de dois pisos, da grande porta ovalada centralizada, das enormes janelas com venezianas brancas, e a torre voltada para o rio. Nesta, na parte baixa, havia o terraço, redondo e envolto pela mureta; na parte alta ficava o refúgio, de volta inteira, de onde despontava o parapeito da sacada. Era herança do pai, do velho Damasceno, dono do entreposto de pescados Biguá. O fascínio pelos negros pescadores alados era a outra parte da herança.

O casal negro, agora, regressava para a serra da Santa Tecla, para a coxilha das Tunas, ou do Arbolito. Da Arvorezinha. Voavam para o passado, para a terra fértil e preta da Hulha Negra. Para o lugar onde afluíam enormes folhagens e flores multicoloridas, e onde o lendário Cormorão Grande... a planar sobre picos, riachos, colinas verdejantes e matas... era o mistério que ainda, feito torpedo emplumado negro, rasgava os ares e encantava o gentio da terra.

Logo voltariam. Pois, na torre do Castelo de Jaguarão, estava João Biguá a esperá-los. E porque, na parte mais alta da torre, alguém mais os esperava. E a hora se aproximava.

O tempo passava.

E os viajantes da Santa Tecla varavam os ares do rio. Voltavam. Eram chegados o dia e a hora.

Avistavam-no.

De pé sobre a mureta do terraço da torre da Casa Grande, o cabelo preto rente ao couro cabeludo, João Biguá mexia os longos braços como se fossem asas. Ao vento, os longos cabelos negros dos braços, à distância, pareciam, mesmo, penas das asas do pássaro negro que infestava as águas do prateado rio Jaguarão. E na centenária Jaguarão do Morro da Pólvora, da monumental ponte dos idos de 1930, todos acreditavam no voo do solitário morador do Casarão. Até do outro lado do rio, na uruguaia Rio Branco, os castelha-

nos acreditavam. No voo do João Biguá, como o chamavam desde guri.

Sim, o boato era corrente. Os habituais frequentadores do cabaré da Lia, ali na margem do rio, juravam que, nas madrugadas, viam-no mexer os braços e, já então o bôlido emplumado negro – tal qual enorme Condor dos Andes – voar da torre.

Agora o extraordinário casal negro se achegava. Já ouvia o alarido do seu povo alado... os biguás voavam em torno da torre... davam voos rasantes... pousavam n'água, mergulhavam... exibiam prateados lambaris em seus bicos. Era chegado o cair da tarde... tão esperado. Todos o sabiam. Era o dia da volta.

E eles estavam lá. Os descomunais biguás haviam voltado para o rio. E pousavam no parapeito do terraço da torre, onde se encontrava João Biguá, de pé, mexendo os braços feito asas... prestes a voar. Era, mesmo, o dia do voo do João Biguá. A cidade toda parava, olhava para a torre do Castelo. Para o João Biguá, e para o extraordinário casal negro que havia voltado.

E lá, do esconderijo da parte alta da torre, alguém muito especial, negro como eles, os espreitava e queria deles se aproximar. Agitava-se.

E, então, João Biguá voava e... se perdia... e o rufar das enormes asas negras assomava da parte alta da torre do Castelo e abafava o baque estrondoso que se dera lá embaixo nas águas, nas pedras do rio. Era... o mais colossal ser alado negro que saía do ninho do Castelo e ganhava os céus da Jaguarão do Morro da Pólvora.

Aquela maravilhosa criatura negra existia... e voava!

O Cormorão Grande voava sobre o rio Jaguarão... dava voltas nas proximidades do Porto dos Pescadores... sobre a grande ponte fronteiriça... e pousava, majestoso, na aguada prateada do rio.

E João Biguá... aonde andaria João Biguá? Mirando o abandonado Casa-rão da Torre, alguns tempos depois, intrigava-se o gentio da margem de cá e de lá do rio...

E dividia-se.

Os frequentadores da casa da Lia insistiam em que, em certas madrugadas, ainda o viam em pé na mureta da torre da Casa Grande, agitando os

braços... outros jaguarenses e rio-branquenses juravam que ele era o próprio... o maravilhoso Cormorão Grande.

E que, naquele fim de tarde em que voava sobre o prateado Jaguarão e, nele, pousava, ele – acompanhado do extraordinário casal negro –, sob o brilho das estrelas e iluminado pelo clarão da lua, havia subido o grande rio, e voado para as montanhas da Hulha Negra... para o pico mais alto da serra da Santa Tecla.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



46

NEY BITTENCOURT PEREIRA

Físico

De que valeria...

De que valeria...

| NEY BITTENCOURT PEREIRA

De que valeria andar sobre as águas,
Se meus pés não têm a rapidez das estrelas?
De que valeria possuir a ubiquidade,
Se o universo oculta teus traços?

De que valeria ser imortal,
Se é infinita nossa distância?
De que serviria transformar água em vinho,
Se o cosmo coíbe nossas bodas?

De que serviria emudecer os ventos,
Se a eternal noite acoberta teu destino?
De que valeria silenciar o mar,
Se habitas as abissais profundezas?

De que serviria conhecer os segredos do universo,
Se o segredo maior é você...



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



47

NEY BITTENCOURT PEREIRA

Dicotomia

| NEY BITTENCOURT PEREIRA

Perguntei-Lhe eu,
Por que o bem?
E o mal?
Quem os concebeu?

Insisti, então,
Por que a bondade?
E a maldade?
Qual a razão?

Escutava-se, naquele instante,
O embate entre brisa e mar tão somente.
Persisti, em evidente excesso,

Haverá algum futuro?
Ouvi, no entanto, o silêncio,
Um silêncio cósmico, confesso.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



48

RAQUEL ANTUNES

Um olhar sobre os fatos

Um olhar sobre os fatos

| RAQUEL ANTUNES

Às vezes os fatos,
fatos jurídicos viram.
viram algo que não,
as pessoas não viram, nem verão.
nem (no) inverno
verão.
viram um inferno,
Sem teto, nem chão.

Mas trazem dor,
trazem medo e o sofrimento de
quem
é só amor.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



49

RODRIGO BARCELLOS

Quando ele era criança pouca história contavam pra ele. Hoje, longe de ser uma criança, é um adulto que escreve histórias. Nascido e criado em Porto Alegre, ele viaja o mundo com seus textos, quer que o nome fique escrito na literatura feito tatuagem.

A Face de um Rosto

| RODRIGO BARCELLOS

Bate palminha bate. Lembra? Isso mesmo. A boneca. Um refrão. Eu estava lá. Uma boneca em carne e osso e do tamanho de uma pessoa. Bate palminha bate. Não esqueço. Uma noite com neblina e sob temporal iminente. Uma festa de dia das bruxas no cemitério da cidade. E cada qual dos presentes querendo parecer mais morto que o outro. Alguns mortos pareciam bem reais. *Bate palminha bate.* Comecei a ouvi-la. Uma música sussurrada. Quase um uivo. Sentia um cheiro diferente. Uma mistura de cheiros misturados em um só. Não era perfume. Era cheiro mesmo. Forte e excitante. Um trovão, muitos gritos, e a música parou com o cemitério vazio.

O tempo pareceu dar tempo a ele próprio. E a neblina, mais nebulosa. As lápides na terra. A grama irregular, igual aos meus passos, em direção ao cheiro, que vinha dali, do Campo-santo. Deixada sobre um túmulo, nua e manchada de sangue, jazia uma boneca. Daí o cheiro. A música viera daqui, pensei. Choro, soluços, roupa sem cor. É o que se veria de dia. E o que eu via naquele instante, de repente sozinho, de repente um momento e a boneca não estava mais ali. Uma rajada de vento passara voando por mim. Raios iluminaram a noite. As poucas árvores, já sem folhas para balançar, pareciam ter vida. Acho até que me olhavam. E atrás delas, um vulto. Uma mulher com vestido transparente e um capuz tapando sua cabeça e rosto. Ainda acham que tudo não passou de delírio meu. Não. Sei que não. Por mais estranho que pareça o vulto sumiu. Acho que se misturou a neblina. Nuvens carregadas no céu. O silêncio que eu escutava era ensurdecedor.

Foi em meio à neblina que ela apareceu. Ainda estremeço quando lembro aquele toque; mãos e dedos cálidos sobre meu corpo e alma. Ela me envolveu por trás num abraço abrasador. Não conseguia me mover e nem ver quem ou o que era. Seria a morte a me abraçar? Uma morta-viva? A resposta

eu só obtive ao ouvir sua voz. Uma voz de boneca que me sussurrou ao ouvido: *De onde venho o fator tempo não existe. E aqueles que nunca dormem precisam se manter ocupados. E eu quero me ocupar de você. Quero fazer de você meu boneco, meu objeto, meu brinquedo.* Seu corpo frio junto ao meu, suas unhas cravando na minha carne e meu sangue escorrendo pelo corpo. Um apavorante grito sem voz saiu da minha boca. Ela desapareceu da mesma forma que surgiu. Não sentia meu corpo. Com a imaginação confusa vi outra vez a boneca. Ao tentar fugir ela me segura, me derruba, me domina e usa meu corpo.

Novamente senti aquele corpo frio junto ao meu. Outra vez as unhas cravando em mim, agora na cara, me sangrando outra vez. Não tive forças para reagir, tamanho era meu pavor, o que me manteve de olhos fechados. Mas ao abri-los, o que vi foi um corpo sem rosto. Apenas uma névoa debaixo do capuz. Por instantes nada era dito nem ouvido, apenas o silêncio. Ela tira o capuz e a névoa se desfaz, assim como a neblina. E chove.

Aos poucos, uma face começa a tomar forma. Um rosto familiar que eu nunca tinha visto em pessoa alguma. Veio de novo a música, como um sussurro que foi crescendo em meus ouvidos. *Bate palminha bate.* Foi quando caí desacordado. Não sei quanto tempo se passou, mas acordei de dia, molhado e deitado no barro, próximo a um túmulo. Levantei com dificuldade, meu pescoço doía e não havia mais sangue. Ao olhar em volta, uma boneca pendurada numa árvore, como se tivesse sido enforcada. Seus braços e mãos faziam um movimento como se estivesse batendo palmas. Não via sua cara, devido à distância. Caminhei até lá. Havia algo diferente nela. A cabeça maior que o corpo. Um não fazia parte do outro. Ao virá-la para mim não pude conter o grito, desta vez alto.

Era o meu rosto que estava ali.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



50

RONALDO LUCENA

Médico radiologista, pós graduado em
letras, publicou o livro de contos A Escrita
do Chão, pela Editora Buqui, 2014.

A escrita do chão

A escrita do chão

| RONALDO LUCENA

Minha mão se perdeu na mão grossa de meu avô. Vi nos olhos dele mais urgências que qualquer outra coisa. Deixei meus carrinhos no pátio, minhas cidades e ruas desenhadas com pedriscos, meus amigos imaginários na sombra do jacarandá. Com passos duplos, tentando acompanhar as botas enlameadas, fomos até a horta. Por entre os desenhos dos canteiros, nos fundos da casa, completei a sujeira de meus dedos na terra úmida abrindo uma pequena cova. Ele colocou dois grãos dourados na palma da minha mão. Eu os escondi no côncavo do chão, com olhos de perguntas. Um pouco de água por cima, todos os dias, e a promessa de um milagre. Tempo de esperas.

Esperas surgiam nos dedos de minha mãe. Mãos que preparavam bordados e afagavam o ventre que crescia. Cezia as roupas, disfarçando os remendos. Tinha olhos de brilhos e a voz doce quando ninava as cantigas. Contava luas na expectativa de alegrias novas que invadiriam nossa casa. Olhares que miravam no tempo uma morada cheia de gentes. Sementes que meu pai havia plantado nela.

Não havia silêncios nos nossos dias. Rodeava-nos um quintal de terra boa com hortaliças, frutas, temperos e chás. Das mãos de meu avô, paciente contador de histórias, aprendi o plantio. Descobri que sementes jogadas em solo fértil, com mãos de afagos, quase sempre germinam.

Numa manhã de movimentos na casa, encontrei os dedos nervosos de meu avô em mãos que não se aquietavam. Nos fundos da lavoura, sentado na pedra, os olhos por si irrigavam o plantio. Não vi urgência nas retinas, nem a claridade longe de quem vem colhendo as fábulas. Não tinham os sabores das águas que ferviam no fogão da cozinha, nem a brancura dos panos limpos que circulavam pelo quarto.

Os sapatos de meu pai marcavam o chão em círculos imperfeitos. Um corpo de ânsias que se comprimia a cada contração. Nas dores da alma ansiosa por um choro, por um sinal de novas existências.

A manhã de sol morno terminou em chuvas no almoço de pratos e talheres intocados. Os sabores da comida se perderam diante de olhos desfocados. Nem uma palavra no tempo que se arrastou e abafou as dores mais agudas.

Fui levado pela mão doída de meu pai ao sementerio. Num pequeno cai-xote branco, a promessa de milagre de meu irmãozinho foi semeada no cõncavo da terra. Voltei para casa com minha mão suja, nas mãos silenciosas de meu avô. Os pés, mais pesados, não rezavam as ave-marias no cascalho. Os tempos de esperas brotaram em nuvens negras e em sóis desbotados. Sobraram dúvidas sobre os milagres.

Nasceram silêncios em minha mãe.

Passei a vigiar o milharal farto de meu avô. Na lavoura de meu irmãozinho nada crescia. Só flores de plástico.

O tempo me fez medir as distâncias da casa até a escola. O peso dos livros não me impedia de esticar o olhar comparando as plantações. Aprendi a juntar as letras e os sons, e minhas esperas foram erosando na ponta do grafite. Plantei palavras na minha cartilha e, diante dos meus olhos, perdi a esperança dos milagres. Muito dolorosa a compreensão de minhas suspeitas: as sementes que fazem a vida renascer, sair do chão, não estão nas letras do cemitério. As grafias são desiguais.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



51

ROSANE MICHELS

Graduada em Direito e Filosofia.
Magistrada no RS.

Sonho virtual

Sonho virtual

| ROSANE MICHELS

Dia após dia sem rumo perpasso
Ausente em algum ambiente virtual
Nada a volta percebo, nem o espaço
Alheia à consciência, liberto-me do real.

Esqueço minha dimensão e o tempo
Imersa num profundo mundo surreal
Não sinto o sol, nem a brisa ou o vento
Envolta por incenso de aroma floral.

Percebo-me em constante devaneio
Feito sonho recorrente ocasional
Sigo navegando, com sabor de veraneio
À deriva, quase sempre em rede social.

Quando consigo, penso, me desprendo
Migro com esforço para meu sitio funcional
Trabalho sem roteiro, nem compreendo
Busco, copio e colo, tudo o que é atual.

Não me demoro, ao chat logo retorno
Largo o serviço, sem me sentir desleal
Curto, amo <3, agradeço, critico, discordo
Desconfio até mesmo do perfeito e do ideal.

Com Ctrl X, recorto devotada, mal descanso...
Compartilho só texto inteligente, bem legal
Deleto a vida sem morrer: ora flutuo, ora balanço
Construo incessante um mero sonho virtual!



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26

52

RUBIE JOSÉ GIORDANI

Mora em Guaporé-RS, onde atua como professor desde 2002. É especialista em Matemática pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá, graduado em Matemática pela Universidade de Passo Fundo e técnico em Informática na Formação de Instrutores pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Bento Gonçalves. A partir de 2010 tornou-se escritor de livros e cursos online disponíveis em plataformas de Educação a Distância.

Filha

Filha

| RUBIE JOSÉ GIORDANI

Quando escutei seu coração
e entendi que você já existia,
em minha cabeça imaginava,
e amor lhe dava por telepatia.

Quando nasceu,
com seu jeitinho manhoso,
demonstrou para mim
que seria um ser amoroso.

Quando pronunciou as primeiras palavras,
foi como se me desse uma flor.
E dessa forma aprendi
que ser pai é dar e receber amor.

Ao me fazer companhia
sinto que você é parte de mim.
Quando estou sozinho,
lembro-me de tudo enfim.

Por isso, minha filha,
papai fez este pequeno poema.
E assim entenda que por você
papai resolve qualquer problema.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



53

RUBIE JOSÉ GIORDANI

Gaúcho forte

Gaúcho forte

| RUBIE JOSÉ GIORDANI

O Sol vem cedo se aproximando pela querência,
enquanto o gaúcho ceva o mate já pilchado.
Ao ouvir o ronco da última cuia,
já é hora de o cavalo estar encilhado.

Abre a porteira e sai troteando na lida
pelas coxilhas cobertas de branca geadas.
A mão que apertou os arreios e segura o laço
é a mesma que acaricia a prenda amada.

A labuta é árdua pelas invernadas
mas, manter a tradição é o pagamento.
Com força e coragem, trabalha duro
para por à mesa da família o alimento.

Enquanto ouve a sinfonia dos quero-queros,
sente forte no peito a saudade do antigo pago.
Saudade que logo esquece dançando vanera
pelos fandangos, onde a prenda, lhe faz um afago.

Eta gaúcho forte, que sirva mesmo suas façanhas de modelo
aos que não conhecem nosso belo do sul Rio Grande.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26

54

SABRINA DALBELO

Escritora e servidora do Ministério Público Federal, reside em Bento Gonçalves-RS. Escreve sobre tudo um pouco, logo que bate a inspiração. Já participou de diversas antologias e publicou o livro de poemas "Baseado em Pessoas Reais" (Poesias Escolhidas, 2017). Escreve no Facebook em "Se Tem Nome Existe" e "Pensamento Sem Moldura".
Aluna da ESM/AJURIS em 2002.

Paralelos cruzados

Paralelos cruzados

| SABRINA DALBELO

~~ GUERRA COM BOMBA X GUERRA SEM BOMBA ~~

Nove da manhã. A guerra é silenciosa, mas ela não dá trégua. Uma mina explode no deserto ardente e um camaleão desavisado vira migalhas cor de pó. Não dá tempo de mudar de cor. Morte não tem cor. Nove da noite. Um homem de sobrancelhas finas acomoda-se no assento mais ao fundo do ônibus que dá a volta na cidade antes de chegar ao bairro ao lado. O preço da passagem do coletivo aumentou. Não tá fácil. O assento do ônibus foi pichado na semana passada e um moleque colou um chiclete mascado debaixo do banco. O moleque que colou a goma não pichou. O homem de sobrancelhas finas não foi para guerra. Ele desertou, nem apareceu para servir ao Exército. Disse que não davam valor para gente colorida, para camaleões, como ele. O avô que viveu a ditadura e que mora no bairro ao lado desaprovou a atitude do neto. “Homem que é homem serve à pátria, meu filho.” Não dava. Ele preferia pisar numa bomba a ter de bancar o machinho.

~~ NASCER X NÃO NASCER ~~

Ela amanheceu poesia. Estava inchada, mas o sangue rimava com cor e com vida. Pedia aos céus uma estrela para encher sua casa de alegria. Em um canto da sala, uma bela arte profana. Uma estátua de uma figura feminina de pernas abertas e cabeça tombada, em gozo. Ela olhava para a estatueta e pensava no próximo mês e na menstruação que, queria, não viesse. Pelo outro lado da rua, o lixeiro passava em rasante, casa por casa. Os recolhedores corriam. Os recolhe-dores corriam. Eles corriam e jogavam os restos de coisas na caçamba. Jogavam restos de pessoas, restos de casas e sonhos desfeitos. A estatueta estava ótima, não era lixo, mas a intenção era a de que nos próximos meses desse espaço a um carrinho de bebê. Só talvez. O sangue não era um lixo, nem resto, era sempre um recomeço. O lixo, entretanto, era um fim. Lá no lixão uma menina de cabelos sarará chupava um resto de laranja meio podre, meio boa. O lixeiro recolheu restos de cores vermelhas da

moça inchada. A moça inchada odeia laranjas. A menininha do lixão ainda não chegou à puberdade, mas ela já foi filha de alguém. Ela não foi embalada em carrinho de bebê. A menina do lixão já teve contato com sangue. Ela não conhece poesia, mas ama estrelas.

~~ FARTURA X MIGALHAS ~~

Um gato mia num tom agudo e seus pelos se eriçam. Na cozinha, a moça estava fazendo um bolo de banana que abatumou. A moça ficou furiosa porque o fermento lhe deu falsas esperanças para um encontro tom de canela com o novo affair. A moça saiu pela casa cambaleante, fula, mas não pisou no rabo do gato. O bolo foi fora. O rato achou migalhas de bolo de banana e se fartou. Gatos entendem de energia. Ratos querem migalhas. Bolos de banana são ricos em potássio e fazem bem para o coração, mas não são a melhor indicação para primeiros encontros. O affair da moça não gosta, mas ela ainda não sabe. A moça está preocupada em contratar alguém para uma desratização e teve de dispensar o encontro. Gatos são sensíveis, eles entendem de energia. O gato sabia que a moça ia acabar sozinha.



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26



55

WILSON RODYCZ

Desembargador aposentado, ex-diretor da
Escola Superior da Magistratura - ESM.
Cônsul Honorário da República da Polônia
em Porto Alegre.

Um trem para as delícias

Um trem para as delícias

| WILSON RODYCZ

D*em-dem, dem-dem, dem-dem* diziam as rodas daquele trem, se atritando com os trilhos de ferro. Fazia duas horas que eles haviam embarcado na estação do Avençal. Felizes. As crianças estavam felizes que não cabiam em si. As mais novas conheciam o trem somente por ouvir-lhe o apito; as mais velhas já o tinham visto andando. Cuspia fumaça... Nenhuma delas, porém, havia entrado num trem. Viajado nele. Sabiam que devia ser bonito, cheio de gente, porque o papai e a mamãe contavam que era assim. Mas era muito mais. E andava rápido, quase voava. *Dem-dem, dem-dem, plac-plac, plac-plac.* Eles iam para Joinville. Visitar a vó Emília. A avó que mandava uma caixa com castanhas-do-pará no Natal! Devia ser uma velhinha muito branquinha, que cuidava de um jardim cheio de rosas. Somente podia ser assim uma avozinha que se preocupava com eles, que mandava peças de roupas, que eram usadas, mas que eles recebiam como uma dádiva dos céus... *Dem-dem, dem-dem, dem-dem ...* Já estavam com fome, viajando há um tempão.

– O papai não demora, fiquem quietas, crianças! – dizia a mamãe. Jorge tinha descido na estação de Hansa e demorava a voltar. O trem começou a se movimentar e as crianças choravam: – Mamãe, o papai não vem! O papai vai ficar!... – Então, surgiu Jorge com um cacho de bananas, que alcançou para Maria pela janela... – Banana! Banana! – Um cacho enorme. Bananas madurinhas. Amarelas. Comeram, comeram, comeram... Dormiram. À noite, chegaram a Joinville. Desceram do trem e tomaram o bonde para ir até a Rua XV de novembro.

- Oh Frederico! Oh Frederico! – Jorge chamava o cunhado e batia palmas. Foi então que a vó Emília apareceu na porta, dizendo – Ói, o Guiorge! Oi, o Guiorge! Mein kleiner! Meine Kinder! Que meninas pequenas, Helga! Alzira!

E era mesmo branquinha. Era muito alta, com orelhonas, mas com voz muito suave! Morava numa casinha pegada à casa da filha Luíza, que era casada com o tio Frederico. A casa tinha uma coisa linda de cidade grande, que eles não conheciam: luz elétrica! Que maravilha!

Era 1935 e era Natal. Os presépios e os pinheirinhos estavam armados. Numa noite, foram com os tios e os primos na casa da tia Rechelin, que era rica, morava na Rua dos Príncipes. Lá, havia um pinheirinho que dançava! Poderia haver coisa mais bonita do que isso? E tocava música de Natal! Tinha ainda um *lingue-lingue*, que faziam trilim, trilim-lim pra avisar a chegada do *Wainastmam...* E havia os primos. A Edith, o Walter, o Heins... O Ósca gostou mais do Harald.

- Ósca, que foi que você aprontou? – a mamãe censurava o filho, que voltara correndo da rua. Silêncio. Os meninos estavam suados e empoeirados. E estavam com medo. Não era para menos, estavam se divertindo jogando pedra nos carros que passavam. Quando um automóvel parou, correram a se esconder debaixo da cama...

Vó Emilia era muito criteriosa. Todos os dias, às três da tarde, arrumava a mesa com toalha de renda e comia pão com manteiga e compotas de doces de frutas... Só não viram o vô Hugo. Tinha falecido no ano anterior, afogado no rio Cachoeira...

Precisavam voltar. Afinal, Maria esperava mais um filho. Que nasceria no ano seguinte e se chamaria Cacilda... Voltaram felizes. Um dia também haveriam de ter luz elétrica todas as noites e pão de trigo com manteiga todas as tardes... Aquela vovozinha, que tinha formado o caráter do papai, era a inspiração daquelas crianças... Quando poderiam voltar a vê-la?



CADERNO DE
LITERATURA
AJURIS N° 26

Caderno
de Fotos



ANENCIR JOSE ROGOSKI

ANDRÉ LUÍS DE AGUIAR TESHEINER

DARCI SOARES

GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

MAFALDA DOS SANTOS

NELO PRESSER

OSMAR DE AGUIAR PACHECO

RENATO VIEIRA OHLWEILE

ROSANE BORDASCH

SYLVIO ANTÔNIO DE OLIVEIRA CORRÊA





ANDRÉ LUÍS DE AGUIAR TESHEINER





DARCI SOARES











GENACÉIA DA SILVA ALBERTON





MAFALDA DOS SANTOS



NELO PRESSER





OSMAR DE AGUIAR PACHECO







ROSANE BORDASCH







SYLVIO ANTÔNIO DE OLIVEIRA CORRÊA





Este livro foi impresso nas fontes Bebas Neue, Minion Pro e Big Caslon,
e impresso no papel Polen 90/m² e Couché Brilho 115g/m²
na Gráfica Pallotti ArtLaser

Fazer
Juntos
por **Amizade**

Fazer juntos por você é estar sempre próximo para entender as suas necessidades. Somos 3,5 milhões de pessoas fazendo o que é melhor para todos. Porque acreditamos que gente que coopera cresce.

Abra uma conta com a 1ª Instituição
Financeira **Cooperativa** do Brasil.

 **Sicredi**
Ajuris (51) 3286.7226